ANO 17.º QUINTA-FEIRA, 17 DE MARÇO DE 1938 N.º 5502

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

A CAMINHO do Arieiro, junto da rua Carvalho Araujo, existe um local, destinado, ha já anos, a jardim, que a Camara Municipal cedeu para esse efeito, segundo cremos.

Com o decorrer do tempo, foram aparecendo ali, uns modestos bancos, uns frouxos candeeiros e umas esguias arvores. Acompanhando este desenrolar, as crianças começaram aproveitando o local para seu campo de distracções e, as arvores, não se sabe por que meiga lei da Natureza, cresceram mais e abrigavam-nas á sua sombra.

Improvisou-se, assim, um «Jardim sem nome», e sem flôres, mas que alguns poetas do sitio sonhavam que em breve haviam de vêr, em côr e perfume, a completar o conjunto debilmente arborizado, e ao qual se acolhiam os passaros e as crianças em chilreada.

Pois ontem apareceram as arvores caidas por terra, grandes covas abertas, e ao centro um letreiro, como aqueles altos que encimam as campas: «Para venda».

O sacrificio de um recanto já espiritualizado á civilização municipal urbanista!

Esta tem as suas razões, que ha que aceitar. Mas nós—escreve-nos um espirito silvestre e delicado do sitio—tambem tinhamos as nossas. E' que Lisboa moderna não tem jardins...».

* * *

A CONVITE do Grupo dos Humoristas, o nosso ilustre colaborador dr. João de Barros realizou ontem, no Gremio Alentejano, uma admiravel conferencia. João de Barros, que cultiva a alegria espiritual, com admiraveis acordes poeticos, soube empolgar o inumero publico, que o ouvia, falando de Rafael Bordallo Pinheiro, de quem traçou um admiravel retrato artistico. Depois, pondo em contraste o ceu de Portugal, o seu azul simbolico de jocundo heroismo, com o «riso amarelo» da nossa gente, teve imagens fulgurantes de belo espirito, sublinhadas por uma lucida analise intelectual.

Cantou a alegria eterna da vida e leu um admiravel poema sobre Portugal, verdadeira antologia de beleza que a assistencia surpreendiaa e arrebatada aplaudiu com caloroso entusiasmo. Os «Humoristas», pela palavra de Leal da Camara e do sr. general Ferreira Martins, saudaram o grande poeta, agradecendo-lhe a hora de singular eloquencia que a sua palavra transfiguradora preencheu, com empolgante encanto espiritual.

* * *

A MANHÃ, sexta-feira, pelas 21 horas e meia, realiza o sr. conde de Penha Garcia, na Sociedade de Geografia, de que é ilustre presidente, uma conferencia sobre «O problema colonial e alguns dos seus aspectos Juridicos». Assistirá o sr. ministro das Colonias. Pela importancia do assunto, pela ciencia e competencia do conferencista, deve reunir-se um publico numeroso e escolhido.

Industria a nacionalizar

Ha uma duzia de anos agitou-se, no nosso país, um problema economico importante: o da nacionalização da industria do azote.

Importavamos, então, só uma oitava parte dos produtos azotados que, hoje, compramos ao estrangeiro e cujo custo anual se vai aproximando de cem mil contos. O esfôrço feito ter-se-ia completamente perdido se o engenheiro Manuel Gaspar de Barros que foi um dos seus animadores, não o houvesse, agora, renovado, com a publicação de um trabalho importante: «Porque se não fabricam adubos azotados em Portugal?».

Esse trabalho vem pôr, outra vez, ante os olhos do país, ante o espirito de iniciativa dos capitalistas e ante os deveres de quem governa, o problema cada vez de solução mais urgente e mais premente, que no seu titulo se contem.

Estamos realmente diante de uma questão vital para a nossa economia agricola, em primeiro lugar. Mas igualmente vital para a defesa militar do país.

As necessidades de adubos azotados e de explosivos requerem que em Portugal passe a fabricar-se o azote.

Não nos faltam, felizmente, para tal fabríco, os recursos essenciais: carvões para combustivel e fabríco do hidrogenio, ar atmosferico, agua e pirites para o acido sulfurico. E carecemos de actividades industriais para emprêgo dos nossos excedentes de mão de obra.

Será tal fabríco economico? Os estudos feitos permitem supôr que o custo da produção seria inferior aos preços cif Tejo. Mas que o não fôsse, interessaria ao Estado proteger uma industria dessa importancia, associando-se até aos capitais nela investidos e que, para uma produção de 30.000 toneladas anuais de sulfato de amonio, seriam de 25 a 30 mil contos. Instalação dispendiosa, sem duvida, mas cheia de promessas, tendo-se em conta que o valor comercial da produção se elevaria anualmente quasi a quantia igual.

Claro que a protecção do Estado é indispensavel. Sem ela, o «dumping» dos grandes sindicatos internacionais bastaria para matar a industria nacional ao nascer. Indispensavel tambem uma fiscalização especial do Estado, além da que a participação financeira dele justificaria. O caracter especial do fabríco, sob o ponto de vista dos fornecimentos ás fabricas de explosivos, a impõe.

Em varios paises, como a França e a Polonia, por exemplo, a industria do azote foi instalada com o apoio financeiro do Estado que a protege por outros modos.

Países pequenos, como a Belgica, Holanda, Suiça, Suecia e Yugo-Eslavia a possuem já.

Porque não havemos nós de a possuir tambem?

A lei 1.956, ultimamente promulgada, admite industrias em regime de exclusivo: «as de importancia economica e custo de instalação excepcionais ou indispensaveis á defesa nacional».

Precisamente o caso da industria do azote.

Em 1925-26, quando a questão foi pela primeira vez abordada, considerou-se inconveniente o exclusivo mas julgou-se necessaria e util a participação financeira do Estado na empresa. Não foi ainda revogado o decreto publicado a esse respeito. Porque não se adopta o criterio de então, se não abre concurso, nos termos da lei 1.956, ou se não estabelece novo criterio, mais favoravel ainda, para atraír capitais portugueses, apoiados pelo Estado, a um empreendimento inteiramente nacional, de largo alcance economico e de utilidade politica e militar indiscutiveis?

A obra de restauração e levantamento agricola do país e da defesa nacional requerem um exame atento do problema e a sua resolução que muito poderá contribuir para o equilibrio do nosso balanço de comercio.

Por assim o entender, procurei auxiliar, em 1925, o esfôrço para o solucionar e chamo, agora, a atenção de quem de direito para o trabalho do engenheiro Manuel Gaspar de Barros que procurou reatá-lo e que merece ser conhecido e ponderado.

NUNO SIMÕES

ESTÁ publicado o relatorio do Conselho de Administração do Banco de Portugal, referente á gerencia de 1937 e ao qual voltaremos a referir-nos.

Por agora dizemos que se trata de um documento muito bem elaborado e esclarecido, como os dos anos anteriores, valorizado por uma «Revista Economica de ano», de natureza tecnica e informativa, e pela esplanação larga e documentação referente propriamente á actividade do Banco.

Os lucros totais do Banco foram de 41.963 contos, e os lucros liquidos, abatidos encargos e amortizações fixaram-se em 13.781 contos, dos quais 6.000 contos para o Estado, e o restante para os dois fundos de reserva (10 por cento do montante liquido) e para saldo de conta nova.

A reserva do Banco Emissor na sua composição e abrangendo 61.061 quilos de ouro fino em barra, disponibilidades no estrangeiro e obrigações da divida externa portuguesa—atinge 1 milhão e 488 mil contos.

Assinam o relatorio os três vice-governadores Carlos Soares Branco, Alvaro Pedro de Sousa e Fernando Emidio da Silva, e os administradores João da Mota Gomes, Antonio Pereira Junior, Caeiro da Mata, Manuel Casal Ribeiro, Domingos Holstein Beck, Henrique Missa, João Emauz Leite Ribeiro, Francisco Meira e Fernando Ulrich.

* * *

NOS Estados Unidos ha 1.304 estudantes, não de escolas infantis, é claro, que possuem carta de piloto de aviação. Ha 312 que possuem avião ligeiro e destes, 90 servem-se dele para—irem ás escolas.

Entre eles ha um que todos os dias percorre 180 quilometros na ida e volta para assistir ás suas aulas tecnicas.

Se considerarmos que isto não corresponde a mais de meia hora á ida e outra para o regresso—não ha que ter espanto.

E' tanto como o que leva, em electrico, por exemplo, um nosso estudante que more no Dafundo e venha á Faculdade.

O que pode causar entre nós ainda surpresa é a facilidade com que a aviação se adapta ás mais elementares exigencias da vida.

* * *

ARMANDO Ferreira, humorista 100 por cento, escreveu e publicou o romance tragi-comico «O Amor de Perdigão», com capa de Valença, por sinal dum comico irresistivel.

Aconselhamos este livro — sem esperar o juizo do nosso critico — a todas as pessoas neurastenicas que tenham um pé na metafisica e outro no desespêro.

Armando Ferreira possui a arte adoravel do riso e tambem do sorriso.

Ninguem dirá que «O Amor de Perdigão» não é um livro destinado a fazer a felicidade da raça, tornando-a acessivel aos ridiculos da «Sociedade onde a gente se aborrece».

O edificio de Campolide

onde esteve o Asilo dos Velhos vai ser um asilo para velhos e invalidos dirigido pelas Irmãzinhas dos Pobres

Ficou sem efeito a cedencia á Assistencia Nacional aos Tuberculosos do edificio sito em Campolide e onde esteve o Asilo dos Velhos.

Trata-se dum edificio que pertencia aos bens das extintas congregações religiosas, mas que foi definitivamente julgado propriedade do Estado por sentença do Tribunal de Haia, em 1920.

O predio fôra cedido á Assistencia Nacional aos Tuberculosos para nele se instalar um hospital-sanatorio. Todavia, por um decreto de 1931, na casa que servia de habitação ao director do antigo Asilo dos Velhos, e que não foi incluída na aludida cedencia, foi criado um recolhimento destinado a abrigar senhoras pobres.

O «Diario do Governo» de hoje frisa que o predio não foi aplicado ao fim a que se destinava, isto é, á instalação dum hospital-sanatorio. E considerando que o governo tem conhecimento de que as «Irmãzinhas dos Pobres», que na protecção a velhos e invalidos tem sido sempre de uma abnegação incansavel, desejam dirigir um asilo no edificio onde antes estiveram instaladas, comprometendo-se a mantê-lo sem qualquer encargo para o Estado, o Governo declara nula e de nenhum efeito a cedencia do edificio á Assistencia aos Tubertulosos, e autorisa a criação dum asilo de protecção a velhos e invalidos e a sua instalação no referido edificio, com exclusão da casa onde actualmente funciona o denominado Recolhimento de Campolide, asilo que será dirigido e administrado pelas «Irmãzinhas dos Pobres», sem qualquer encargo para o Estado.

A autorização caducará se, terminadas as obras de adaptação de que o edificio carece — que deverão ser feitas pelo ministerio das Obras Publicas e Comunicações — nele não funcionar o dito asilo ou se vier a dar-se ao predio fim diferente do que lhe é agora designado.

Gimnasio Club Português

Na sede do Gimnasio Club Português prosseguem hoje, pelas 21 horas, as festas do 63.º aniversario. Além de varios exposições do programa cultural, haverá exibições de varios exercicios e apresentação de classes de gimnastica.

Retiro da Severa

Rua Anton.o Maria Cardoso, 5

Telefone 2 5979

Hoje ás 21 horas. Noite da Moda Arminda Vidal, **MARIA CARMEN,** (reaparição neste retiro), Jesuina de Melo, Alfredo Duarte (Marceneiro) e Julio Proença.

Orquestra Tipica Algarvia

Servem-se banquetes.

Jantares a 12$00 Entrada Franca

Ercilia Costa

Salão Luso Artistico

Hoje é noite da **Moda,** no acreditado **Luso,** com a consagrada artista Ercilia Costa, Manuel Cascais e Modesto Maia.

Rua Nova da Trindade

Salão Mondego

R. da Barroca, 124—Tel. 2 5676

Margarida Pereira, Natalia dos Anjos, Domingos Silva e Manuel Aleixo, acordeonista.

A POUCO MAIS DE QUINZE DIAS

Domingo, 3 de Abril

Primeira Corrida da Temporada

Estreia da **Empresa Bernardo da Costa Ld.ª,** constituida pelos srs. Dr. Emilio Infante da Camara, Henri de Chatelanaz, Jose Infante da Camara, José de Lacerda Pinto Barreiros, Justo Guimarães, Maxime Vaultier, Conde de Cabral e D. Bernardo da Costa (gerente)

CARTEL

8 — TOIROS — 8

da ganaderia dos Srs. Emilio e José INFANTE DA CAMARA (da Unión de Criadores de Toros de Lidia)

2 — CAVALEIROS — 2

um dos quais **João Branco Nunes** que toureará pela primeira vez depois do seu triunfo apoteótico em Sevilha.

2 — ESPADAS — 2

PEPE AMORÓS e FERNANDO DOMINGUEZ

com as suas quadrilhas de Picadores e Bandarilheiros

Forcados: Estreia em Lisboa do **Grupo de Forcados Alentejanos de Evora,** capitaneado por FERNANDO VILALVA

Marcação de Lugares — Em breve será aberta a marcação de lugares para todos os espectáculos da temporada.

Convocação do Pessoal — A Empresa Bernardo da Costa, desejando manter todo o pessoal da empresa anterior, convida-o por esta forma a comparecer na Praça do Campo Pequeno no proximo domingo, ás 2 horas da tarde, a-fim-de receber instruções sobre os serviços a desempenhar na proxima época, cuja inauguração se realiza no domingo, 3 de Abril.

Os empregados que faltarem sem motivo préviamente justificado serão substituidos.

CASA PINTO COELHO

Chapéus Modelos

R. Alexandre Herculano, 61

Reabrirá brevemente com a exposição dos modelos adquiridos em Paris.

O COLETE ENCARNADO RETIRO ARISTOCRÁTICO DO FADO

O fado no seu ambiente e cenario proprios

Hoje cantam: **Maria do Carmo Torres, Raquel de Sousa, José Tovar e Julio Duarte.**

Marcam-se mesas e frisas pelos telefones 2 1568 e 2 7493. — Os bilhetes dão livre ingresso no PARQUE MAYER

PASTELARIA FERRARI

A's 5 horas—Chás Elegantes

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 × 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TELEF. 4 7063

AUTO MECANICA DE PORTUGAL

S. C. A. R. L.

Assembléa Geral Ordinaria

As distribuições aos nossos consocios do relatorio da Direcção, do balanço e das contas e do parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercicio de 1937 (1.º ano social) e dos bilhetes de admissão á proxima Assembléa Geral, começam a fazer-se na nossa sede amanhã, sexta-feira, 18, prosseguindo diáriamente até sabado 26, data da sua realização.

Nos dias de semana, aquelas far-se-ão das 10 ás 19, e no domingo 20, das 14 ás 18 horas.

Chama-se a atenção de todos os socios para a necessiadde de comparecerem ou de se fazerem representar, pois, para a Assembléa se poder efectuar em 1.ª Convocação, é indispensavel que seja de cêrca de 2.000 o numero de presenças e representações. Caso tal se não verifique, tr-se-á de fazer 2.ª convocatoria, nos termos do art.º 184.º do Codigo Comercial, podendo então esta funcionar com qualquer numero de socios.

Lisboa, 17 de Março de 1938.

A Direcção—Engenheiro Plinio Silva (presidente), dr. Serafim Silva Garcia—Monte-pio Geral (representado pelo Ex.mo Sr. Henrique Lopes de Sequeira), dr. Augusto Taborda e Matheus Aparicio.

DE LUTO

D. Leonilde Ferreira Pinto

Na sua residencia, rua do Mundo, 91, 2.º, faleceu a sr.ª D. Leonilde Ferreira Pinto, viuva do João Pinto, antigo empregado do nosso jornal.

O funeral realiza-se amanhã, ás 10 horas, da morada acima para o cemiterio do Alto de S. João.

A' familia e á filha da bondosa senhora apresentamos pesames.

Sufragios

Major Antonio Bernardo de Freitas Amorim

Comemorando o 8.º aniversario do falecimento do major de cavalaria sr. Antonio Bernardo de Amorim, pai do actor Pestana de Amorim, manda a familia do saudoso extinto celebrar missa de sufragio, amanhã, sexta-feira, ás 10 e 30, na igreja dos Anjos.

VIDA ARTISTICA

Exposição Julio de Sousa

E' amanhã, pelas 15 horas, que se inaugura, no Salão Garrett, do largo das Duas Igrejas, sob o patrocinio do Secretariado da Propaganda Nacional, a exposição de escultura e pintura do distinto artista Julio de Sousa.

Desastre de viação

PAÇOS DE FERREIRA, 16. — Uma bicicleta montada por Antonio Miranda e ainda por outro individuo, numa descida vertiginosa e agravada pelo peso excessivo, foi chocar com o automovel do clinico da Misericordia de Lousada, dr. Meireles. Felizmente o desastre não teve grandes consequencias pessoais, e só o automovel sofreu prejuizos.

Sargentos e praças da Armada

Um decreto hoje publicado no «Diario do Governo» estabelece alguns principios que devem orientar a instrução e selecção dos sargentos e praças da Armada nas escolas de aplicação de marinha, de forma a educar o individuo para as funções que terá de desempenhar, de acôrdo com a sua especialidade e posto.

CASAS PARA O PESSOAL dos caminhos de ferro do Estado

Foi inscrito no actual orçamento do ministerio das Obras Publicas e Comunicações a verba de 246.499$49 para construção de casas para o pessoal dos caminhos de ferro do Estado.

Perturbações prostáticas

Os desejos frequentes e as dificuldades em urinar, a inflamação e sensação de queimaduras no canal prostático, as picadas irradiando até ao perineu fazem parte das miserias do prostático, são rápidamente atenuadas e depois suprimidas pelas drágeas de MAGNOGÈNE com sais halogénios de magnésio. A sua acção descongestiva e calmante é absolutamente surpreendente. As drágeas de MAGNOGÈNE restituem á próstata o seu funcionamente normal, evitam as sondagens e em muitos casos o recurso da operação.

O relato duma comunicação á Academia de Medicina de Paris, descrevendo os efeitos e resultados deste novo tratamento será enviado gratuitamente mediante pedido, pelos Depositarios dos Laboratorios ROMON (Secção D. L.)—88, rua da Assunção, Lisboa.

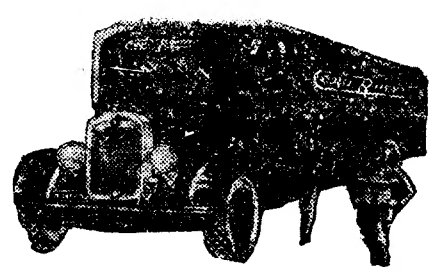
MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NÃO ADMITEM COMPARAÇÃO EXPOSIÇÕES PERMANENTES. **Calçada do Sacramento. 6 (ao Chiado) — LISBOA**

PARA TAPETES E ALCATIFAS TÊM VE: UMA CASA ESPECIALIZADA

R. IVENS, 30-34 **QUINTÃO** LISBOA

APRESENTA BEIRIZ E ARRAIOLOS E EXECUTA QUALQUER DESENHO



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais Carros especiais para mobilias.

Porto	Lisboa
R. Guerra Junqueiro, 7	*R. S. Julião, 34, 36*
Telef. 1854	Telef. 2 7200

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partida aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Informações. Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

TEATROS E CINEMAS

«Um «carnet» de baile» no cinema Condes

«Um «carnet» de baile» é uma notavel realização do cinema francês. Dum tema que, á primeira vista, pode parecer puramente literario, Duvivier dá-nos, com magistrais projecções, uma obra de singular relêvo. O entrecho é um caso raro: uma linda mulher, a quem o marido morreu, encontra um dia, nos seus velhos papeis, um «carnet» de baile, onde se inscreveram oito dos seus pares. Tinha dezasseis anos, gloriosos de beleza, e todos lhe disseram que a amavam, procurando, no efemero das palavras, prender para sempre o seu destino, a sua alma, o seu coração.

Rica, desencantada da existencia, ela vai procurá-los um a um, tentando, porventura, reconstituir esse maravilhoso passado. Duvivier construiu a sua obra, numa geometria de quadros. Cada um é uma historia, um ambiente, um tipo humano. Como um grande pianista tocou todas as notas: a dramatica, a espiritual, a satirica, a comica, a religiosa, a frivola e a alucinante, numa escala maravilhosa de notações psicologicas, com fragmentos frementes de realidades e acordes suavissimos de poesia. Toda aquela mocidade ardente e generosa, cruzou varios caminhos na vida. Vêem-na de maneira diferente: uns não a reconhecem; outros recordam-se, vagamente; outros, sem que ela o soubesse, falharam na existencia, por sua culpa. Alguns perderam os seus ideais, envenenados pelas exigencias do quotidiano; mas outros procuraram novos simbolos, como o frade, que entregou a Deus a sua alma, e o guia da montanha, fascinado pela brancura imaculada das neves, pelo seu silencio imovel e gelado.

Ha dois quadros, porém, que são magistrais: o desempenhado por Luiz Jouvet, advogado equivoco, director dum «bar», cujo cinismo apunhala, e o que Pierre Blanchard, medico de horriveis clientes, farrapo humano, cego, sem escrupulos, alucinado de taras, interpreta com um incisivo realismo. Se no primeiro destes quadros, o ambiente do «bar», com as suas figuras sinistras, é prodigioso, dando-nos Jouvet uma extraordinaria criação; no segundo, uma casa de Marselha, junto ao porto, onde os ruídos gritantes dos guindastes são de arripiar os nervos, a tragedia atinge o paroxismo.

Outro quadro excelente é o do casamento do «maire», com excelente facundia meridional, caricatura risonha, que Reimu colossaliza com o seu talento. Este filme, bom de principio a fim, merecia uma critica mais pormenorizada. Recomenda-lo ao publico, com a certeza de que vai ver uma obra notavel de cinema que, quer pela idéa, quer pela tecnica, se impõe em absoluto.

A. P.

«Rosmaninho», no teatro Avenida

Afastado há anos da produção teatral, onde não poucas vezes o exito lhe sorriu, Silva Tavares volta a assinar uma revista, tendo desta vez como colaborador Mario Marques, comediografo muito apreciado, que tambem já conheceu a boa fortuna no mesmo palco onde ontem subiu á cena «Rosmaninho».

Desta fantasia em 1 prologo, 2 actos e 19 quadros se pode dizer com razão que não ofende o pudor de ninguem, quanto a desmandos de linguagem ou a liberdades de exibição paradisiaca. Antes se caracteriza por um louvavel sentido patriotico e intenção nacionalista, dentro dum traçado elegante, com feição por vezes emotiva, senão levemente dramatica, mas que não exclui o condimento digestivo do bom humor. Simplesmente, tudo se passa num ritmo demasiado lento, sobretudo no primeiro acto, o que prejudica até certo ponto o exito da revista. O segundo melhora um pouco sob esse aspecto, para o que não deixa de contribuir a excelente Orquestra Toselli, afinada, dinamica e duma sonoridade perfeita, que fez á revista um belo acompanhamento.

Miss Bartira numa dansa negra

Não se pode dizer que a peça seja destituida de interesse. Tem até uma apreciavel feição literaria, muito superior á média corrente dos trabalhos deste genero. O feitio lirico de Silva Tavares e a vocação humoristica de Mario Marques conjugaram-se de forma a dar-nos um trabalho por vezes brilhante, mas onde falta quasi sempre o sentido do agrado popular, indispensavel a este genero de teatro.

«Rosmaninho» não tem, ao que supomos, pretensões de grande montagem. Sob esse aspecto, é modesta, embora se caracterize por uma simplicidade elegante. Indumentaria de certo gosto, cenarios que enquadram com alegria alguns numeros vistosos, musica facil e bonita, mais original que coordenada, o que nem sempre sucede. Uma apoteose feliz, a do primeiro acto, bem colorida, bem indumentada e bem musicada. Uma autentica atracção internacional: Miss Bartira, que foi «vedeta» do Casino de Paris na revista «Parade du Monde» e que ontem desnorteou a plateia do Avenida, dansando primeiro uma «rumba» ou coisa que o valha, diabolica e dum gosto discutivel, e mostrando-nos depois todo o seu virtuosismo coreografico numa dansa oriental admiravelmente marcada, em que toda ela se desarticula numa serie de atitudes impecaveis e dum exotismo verdadeiramente cambodgiano. A canção «gitana» valeu-lhe tambem justos aplausos.

Quanto ao desempenho, havemos de considerar que o maioria da companhia transitou da comedia para a revista, sem passagem pelo Parque Mayer ou pelo Conservatorio. Vimos Maria Matos, excelente actriz de comedia, adaptar-se com inteligencia ao espirito ligeiro da revista, compondo meia duzia de tipos diversos, sempre com admiravel sentido comico e impecavel observação. Ha no seu trabalho um cuidado de pormenorização que dá bem o estilo superior das suas criações. Maria Helena viu quasi todos os seus numeros bisados. O seu tipo moreno, a sua graça natural e a doçura que imprime ás suas interpretações conquistaram-lhe facilmente a simpatia do publico.

Alvaro Pereira «inventou» desta vez um «compère» que tem tanto de original como de primario no feitio comico que lhe imprimiu. Por vezes, fez rir. Herminia Silva foi aplaudida em dois fados, sobretudo no ultimo, de saboroso feitio caricatural. Joaquim Prata teve no «Gastrofono» a sua melhor rabula, por ser a mais bem desenhada, a de melhor sentido teatral. Maria Reis chefiou dois quadros com elegancia e com desenvoltura. Margarida de Almeihouve-se com graciosidade, sob o duplo aspecto de bailarina e de actriz. Maria Alvarez, Aida Ulz e algumas jovens discipulas deram relevo plastico á representação, na qual intervieram ainda Laura Fernandes, Antonio Palma, Luiz Filipe, Francisco Costa e outros elementos apreciaveis. Janou ensaiou o grupo de coristas e fê-lo com a sua reconhecida competencia, procurando os melhores efeitos plasticos e ritmicos. Assinam a musica Antonio Melo, Jaime Mendes e Belo Marques, que dirigiu tambem com proficiencia a orquestra.

Alvaro Pereira no «compère»

N. L.

«O Veneno», no Odéon e Palacio

E' de Bernstein a obra que serviu para o filme de Marc Allegrett que ontem nos deram os cinemas Odéon e Palacio. «Orage», que em Portugal nos aparece com o titulo de «Veneno», é a historia dos tristes amores dum homem que vivia casado e tranquilo e viu surgir na sua vida uma pobre rapariga que nele encontra o seu primeiro amor e com ele podia ser feliz, se não tivesse o espirito de sacrificio bastante para se eliminar, depois de saber que a mulher daquele homem vai ser mãi.

A historia, que pelo pedido de sacrificio recorda «A Dama das Camelias», desenvolve-se no clima propricio de Montparnasse, e com interêsse, paixão e ciume, constituindo um vibrante filme de amor e sacrificio, destinado a comover os herois de amores presentes, passados e futuros, que na tela buscam a explicação dos seus proprios casos, e se comprazem em vêr o que julgam ou desejam ter vivido.

Charles Boyer, de regresso de Hollywood, trabalhando na sua lingua e com os seus compatriotas, representa admiravelmente o protagonista dos tristes amores, e só por si justificaria o exito do filme, se este não tivesse tambem o interêsse da interpretação de Michéle Morgan, uma rapariga que ha de ir tambem a Hollywood, e que, com toda a sua mocidade e estranho encanto, vive impressionantemente a figurinha da amante que se sacrifica. A-pesar do prestigio de Charles Boyer, Michéle Morgan atrai e domina a atenção do publico pelo realismo das suas cenas de amor, pela espiritualidade dos seus olhos fatalistas, pela perfeita adaptação ao que representa.

Lisethe Lawin, Robert Manuel e Jean Louis Barrault completam o excelente desempenho do filme que Marc Alegrett realizou com bom gosto e Marcel Achard dialogou bem.

Complementos interessantes.

R.

O Grande Baile das Artes

Realiza-se hoje no Maxim's num ambiente de suprema elegancia e requintado gosto artistico

Lisboa elegante, Lisboa das artes, da diplomacia, das letras do mundanismo vai hoje dar «rendez-vous» no Maxim's.

Trata-se nada menos, do que do «Grande Baile das Artes», realização admiravel em que pela ultima vez aparece em publico a genial vedeta da Europa, Joan Warner, o «clou» do Carnaval do Teatro de S. Luiz, a estrela fulgurante do Casino de Paris, que gentilmente acedeu ao convite da comissão organizadora. Por motivos que não vêm para o caso citar, Joan Warner, que não conseguiu apresentar ainda em Lisboa, os numeros em que a sua beleza estética aparece em todo o seu resplendor, vai agora ter oportunidade de o fazer através da exibição de «sketchs» inéditos, que serão uma revelação. Não é demais encarecer a gentilesa da Empresa do S. Luiz, que consente em tal, tratando-se, como no caso presente de uma grande artista, que é seu exclusivo, e cujo contrato custou, por quatro dias, a linda soma de quarenta mil escudos! Outros valores encerra o notavel programa do «Baile das Artes». Além de Joan Warner, que por si bastava para valer um programa, teremos a actuação de Conchita Piquer, Carmen Montaña, Taganika Rooth, Isama as Carioca Girl's, as Bed Girl's, Cressy e Sacha e Xavier Pinto numa exibição inédita até hoje. Como se vê uma parada de «Music-Hall» como nunca entre nós se realizou. Como animadores desta festa de tanta classe dois nomes notaveis: Jack Lester e Erico Braga, dois artistas ilustres a quem, respectivamente, se deve o triunfo do Carnaval no S. Luiz e Teatro Politeama. Jack Lester, rival de Walleff, em todos os acontecimentos mundanos de Paris! Erico Braga, a quem Lisboa deve centenas de realizações quer no teatro quer fora dele, na vida de sociedade, nos meios mundanos. Para o «Grande Baile das Artes» a comissão organizadora reserva-se o direito de admissão. As casas Nally, Favorita e Santa Clara colaboram com os seus produtos de classe.

A partir das 3 horas no Maxim's atendem-se os pedidos de bilhetes.

Mais uma noite de exito, hoje, no Coliseu, para «O Esquadrão Branco»

«O Esquadrão Branco», o filme que todas as noites emociona o publico do Coliseu, é uma fiel transposição, para a tela, da vida tragica do deserto, com as suas privações, a sêde e as febres, o infinito areal ardente, as guerrilhas com as tribus que se revoltam, o heroismo de todas as horas dos oficiais do «esquadrão branco»... Vá ver esta maravilha de cinema falado em italiano e que mereceu a Taça Mussolini. Ficará deslumbrado. Preços populares. Sabado: «Matinée».

(Vêr noticiario teatral na sexta pagina)

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ — A's 21 e 30 — Telef. 2 7172
OS CANDELABROS DO IMPERADOR
com William Powell, Luisa Rainer, O. Sullivan e Frank Morgan
Fim de Festa:
ILDA STICHINI
em PROVAS PUBLICAS, comedia de Vasco Mençonça Alves

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 2 2523
UM "CARNET" DE BAILE
filme que obteve a Taça Mussolini na Bienal de Veneza e o 2.º premio no Concurso de Nice
Realização de Duvivier, com Marie Bell, Harry Baur, Pierre Blanchar, Fernandel, Louis Jouvet, Raimu, Françoise Rosay e P. Richard Willm

TRINDADE — A's 21 e 30 — Telef. 2 0000
8.ª semana
A ROSA DO ADRO
com Lalande, Elsa Ruminha, Oliveira Martins, Tomás de Macedo e Costinha
Preços populares

TIVOLI — A's 21 e 30 — L. 5 0 95
SARATOGA
com a malograda Jean Harlow e Clark Gable

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6 83
PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7161
O VENENO
com Charles Boyer e Michelle Morgan
extraido duma novela do grande dramaturgo HENRI BERNSTEIN

CAPITOLIO — el. 2 7493
Terra de ninguem
com Marcelle Chantal
Vida de Boémia

TERRASSE — Tel 6917
NASCEU UMA ESTRELA
A CANÇÃO AO HOMEM

LYS — Telef. 1 8567
A mulher que destruiu Salonica
Sonata ao mar

ROYAL — Telef. 1503 — A's 2
Avenida dos Milhões
Charlie Chan nas corridas

POLITEAMA — A's 21,15 — Telef. 26305
ESTREIA
Egoismo de mulher
com Rosalind Russel
Aconteceu em Hollywood
com Richard Dix e Fay Wray

CENTRAL — TEL 24381 — Soirée as 21 e 30
ORDEM DE FOGO
O melhor filme da semana

PARIS — Tel. 6 2 30 — A's 21 h.
O novo caminho do Paraizo
ROSAS NEGRAS
com Lilian Harvey

REX — Telef. 9650 — A's 21 e 15
Um ladrão na noite
com Charles Boyer
Vende-se um fantasma

JARDIM CINEMA — A's 21 — Tel. 6 3 65
Revista maravilhosa de 1937
A Floresta Petrificada

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Charlie Chan no Broadway

MARIA VITORIA — Duas sessões 8,30 e 11 horas — Hoje e sempre
A revista popular das multidões
A Praça da Alegria
com
Amarante, Irene Izidro, Hortense Luz, Carlos Leal, Alberto Ghira e Luiz Barreira
O quadro novo
A BAÍA TEM...

AVENIDA Hoje: A's 8 e 45 e 11 horas
A 2.ª noite da fantasia triunfante
ROSMANINHO
Formidavel sucesso de toda a companhia
Maria Matos
e da celebre vedeta do Casino de Paris
MISS BARTIRA
«Compère»: ALVARO PEREIRA

VARIEDADES
Hoje: ás 8 1/2 e 11 horas
Olaré, quem brinca!
A Revista Maravilha com a Grande Actriz
PALMIRA BASTOS
nas suas geniais criações
Milagre e Velho Trindade
e
Mirita Casimiro, Vasco Santana, Annio Silva, Barroso Lopes e Armando Machado

Ardeu em Vila da Feira

uma grande fabrica de cortiça

VILA DA FEIRA, 17. (Pelo telefone)—No lugar de Merouço da freguesia de Lamas um pavoroso incendio destruiu, na madrugada passada, uma importante fabrica de cortiça, pertencente ao sr. Claudino Dias Rodrigues, residente no vizinho lugar de Lagoinha.

Na fabrica, que ocupava uma area superior a 300 metros, trabalhavam diariamente 130 operarios, que ficam agora na mais extrema miseria, sem trabalho.

Ignoram-se as causas do fogo, mas supõe-se que tenha sido originado pela imprevidencia de qualquer operario, que tivesse lançado uma ponta de cigarro sobre as aparas de cortiça. O fogo desenvolveu-se cerca das 3 e 30, hora a que o descobriram os guardas da noite duma fabrica vizinha da firma Amorim & Irmão.

Chamados os bombeiros, compareceram os Voluntarios da Vila da Feira, Espinhenses, Municipais de Gaia e Voluntarios de Coimbrões e de Valadares. Quando os socorros chegaram, já a fabrica estava toda envolta em chamas.

Ainda assim foram montadas seis agulhetas alimentadas por duas bombas braçais e duas mecanicas, mas de pouco serviu este sacrificio.

O rescaldo principiou ás 7 horas e deve prolongar-se por todo o dia de hoje. Os prejuizos foram totais, salvando-se apenas um cofre e alguns documentos.

O edificio da fabrica estava seguro em 150 contos, na Companhia Ultramarina, mas só em cortiça o prejuizo deve ser superior a 500 contos.

Proximo ao predio incendiado ha uma outra fabrica e varias residencias particulares que nada sofreram, tendo apenas os seus moradores vivido horas de angustia pelo receio de que o incendio se comunicasse aos seus haveres.

Fazia dolorosa impressão os operarios a lamentarem a sua sorte dentro dos escombros da fabrica.

Este incendio e o que ha pouco devorou a fabrica da firma Bernardino Gomes Junior, ocasionaram o desemprego, reduzindo á miseria mais de quinhentos operarios corticeiros daqueles sitios, os quais vão solicitar ao Sub-Secretariado do Estado das Corporações, pelos serviços da Acção Social, um subsidio, que lhes minore a sua desgraça.

A reconstituição do crime

de Vila Nova de Ourem

VILA NOVA DE OUREM, 17. (Pelo telefone)—O agente Antonio Paulitos está a tratar do crime ocorrido no dia 28 de Maio de 1930, e que determinou a condenação de José Vieira Vicente, Carlos Vieiro Vicente e Antonio Vieira, que mais tarde se apurou estarem inocentes.

O referido agente, acompanhado do administrador do concelho sr. dr. Manuel Durão, e dos três presos confessos, autores do crime, José Maria Conde, Antonio de Oliveira e Francisco Gomes Perucha, tambem conhecido pelo nome de Francisco Coelho, e pelas testemunhas drs. Luz Preto, Angelo Tamagnini, Manuel Andrade e Silva, José Tamagnini e srs. José Pena, José Leitão, e Abilio do Carmo, oficial de diligencias, procedeu hoje na Charneca, local do crime, á reconstituição, feita com todos os pormenores pelos três criminosos.

Fizeram-se varias fotografias do acto, e houve cenas comoventes, que impressionaram vivamente quantos assistiram á reconstituição.

Ha grande contentamento no povo da Charneca e de todo o concelho pela descoberta dos verdadeiros autores do crime.

O agente Paulitos continua as suas investigações a-fim-de concluir em breve o respectivo processo.

O PORTO pelo telefone

Desastre de viação

PORTO, 17.—Esta tarde, na rua do Ouro, uma camioneta pertencente ao sr. Alberto Alvaro Lopes Teixeira, morador na rua Brito e Cunha, em Matozinhos, desarvorou e bateu contra um muro, ficando com a parte dianteira completamente inutilizada.

Ficaram gravemente feridos o motorista Manuel Varela e o ajudante Antonio Lopes Teixeira, ambos de Matozinhos, que deram entrada, em estado grave, no hospital da Misericordia, para onde foram conduzidos pelos Voluntarios do Porto.

A viagem de Leopoldo III

a Eupen

BRUXELAS, 17.—Precedendo a viagem do rei Leopoldo a Eupen, no principio de maio, o ministro do Interior fará nos dias 27 e 28 do corrente uma visita oficial aos cantões redimidos. Pronunciará em Eupen um discurso em alemão.—(Havas).

A GUERRA CIVIL EM E

Os nacionalistas ocuparam hoj

e bombardearam violentamente Barcel

O general Rojo (o primeiro á esquerda) que dirigiu a ofensiva dos vermelhos em Teruel e que, segundo se diz, teria sido agora destituido das suas funções

BURGOS, 17—As tropas nacionalistas ocuparam hoje a cidade de Caspe.—(Havas).

Caspe é uma cidade de 20.000 habitantes, que centraliza as comunicações entre o Baixo Aragão e a Catalunha.

Barcelona bombardeada

BARCELONA, 17—Ontem, ás 22 horas, 15 aviões inimigos sobrevoaram a cidade. O alarme durou até á uma hora. Contam-se 20 mortos e uns 50 feridos.—(Havas)

BARCELONA, 17—A's 7 e 45 a aviação nacionalista sobrevoou Barcelona. As baterias anti-aereas entraram imediatamente em acção, mas não conseguiram impedir que os aviões inimigos voassem sôbre a cidade.

As detonações e os silvos das sereias deram o alarme á população. As praças e ruas ficaram desertas e a população refugiou-se nos abrigos. O alarme durou apenas um quarto de hora e ás 8 horas o tiro das batarias anti-aereas cessou.

Os aparelhos inimigos lançaram muitas bombas. Um dos projecteis caiu á entrada de um refugio no momento em que muitas pessoas para ali se dirigiam, matando e ferindo varias pessoas. Outra bomba caiu perto de um mercado e fez tambem numerosas vitimas. As primeiras informações dizem que morreram umas 100 pessoas e que os feridos são numerosos. Esta manhã, ás 10 horas e 30, os aviões nacionalistas tornaram a bombardear a cidade. Ha cêrca de 40 mortos.—(Havas).

Sintomas de confusão na Espanha governamental

BILBAO, 17—Segundo informações recebidas da Espanha sovietica, o panico torna-se cada vez maior. Os potentados tentam evitar a queda da sua dominação por medidas excepcionais. Fazendo alusão á precária situação militar, o ministro Jesus Hernandez acaba de anunciar a mobilisação de varias classes nos proximos dias. As autoridades não têm o direito de entregar passaportes para estrangeiros, porque se quere assim evitar uma fuga em massa. Pela mesma razão a vigilancia na fronteira franco-catalã foi consideravelmente reforçada. As patrulhas policiais foram aumentadas nas cidades bolchevistas. Nos portos de mar as milicias vermelhas controlam o trafego e movimento dos viajantes duma forma brutal. As comunicações ferroviarias são muito restritas, especialmente na linha de Valencia a Barcelona. A grande estrada para o norte está completamente fechada ao movimento de viajantes. Alguns milhares de mulheres comunistas foram mobilizadas para o serviço de espionagem. Têm a missão de denunciar todos os descontentes.

Del Vayo, antigo ministro dos Negocios Estrangeiros e delegado da Espanha sovietica junto da Sociedade das Nações, acaba de pronunciar em Barcelona, cidade que ainda está segura, um discurso radiodifundido, no qual pediu á população que ajude o governo nestas horas dificeis. Comunicou ainda que algumas centenas de comissarios politicos acabam de partir para a frente, a-fim-de reforçar e elevar o espirito da tropa.—(D. N. B.)

Informações de Barcelona

BARCELONA, 17—Comunicado do Ministerio da Defesa Nacional: «O inimigo continuou ontem a ofensiva, empregando grandes massas de aviação e artelharia, mas repelimos as tentativas para o cêrco de Alcorisa. Diversos prisioneiros italianos confirmaram que o general Bergonzoli foi gravemente ferido ante-ontem no ventre. No sector de Caspe a nossa artelharia fez explodir um deposito de polvora e incendiou alguns camions carregados de munições. Durante um combate aereo, no mesmo sector, abatemos dois aviões inimigos.

Na frente do Centro ocupámos a cota 980, situada a Sul do Pico Castellar. Nas outras frentes nada ha a assinalar. A aviação facciosa bombardeou ante-ontem Castellon de La Plana, fazendo algumas vitimas. A' noite San Vicente de Calders e algumas aldeias dos arredores de Tarragona foram bombardeadas. Foram tambem feitos dois «raids» a Barcelona, tendo explodido varias bombas no centro.—(Havas)

A anarquia em Barcelona

PARIS, 17—O «Echo de Paris» informa de Barcelona que reina nesta cidade uma anarquia completa. As prisões, nas quais estavam encarcerados numerosos membros dos sindicatos anarquistas foram abertas. As massas populares testemunham um ódio sem limites aos sovieticos russos, dos quais nem um só está em liberdade, em Barcelona.—(D. N. B.)

Material da Russia para a Espanha governamental

LONDRES, 17—O «Daily Mail» informa de Perpinhão que, pelas estradas que ligam a França com a Espanha sovietica, atravessam a fronteira longas colunas de camiões automoveis cheios de munições e de espingardas. A maior parte deste material de guerra provem da Rusia Sovietica, e veio via Marselha e Bordeus. Nestes ultimos dias, outros camiões, vindos de Odessa e desembarcados em Bordeus, chegaram perto da fronteira, de onde foram conduzidos por motoristas da Espanha vermelha.—(D. N. B.)

A «Marselheza» cantada nas ruas de Barcelona

BARCELONA, 17—Ontem durante a reunião do conselho de ministros realizou-se uma manifestação em frente do Palacio onde se efectuava a reunião. Milhares de pessoas gritavam vivas ao presidente do conselho e á Frente Popular. Durante mais de uma hora a multidão desfilou diante do Palacio, não tendo ocorrido nenhum incidente. Durante a manifestação a multidão entoou cantos revolucionarios e a Marselheza, que foi calorosamente aplaudida.—(Havas)

Tropas francesas para a fronteira dos Pirineus?

LONDRES, 17.—O «Daily Telegraph» escreve sôbre as entrevistas de Blum com «sir» E. Phipps, embaixador inglês em Paris, que o governo francês deu a entender que estaria eventualmente pronto a observar uma politica de não-intervenção integral.

Os jornais parisienses, ao mesmo tempo, falam de concentrações de tropas francesas perto das fronteiras espanholas.

Segundo o «Daily Mail» e o «Daily Express», os socialistas ingleses ter-se-iam posto em contacto com os meios governamentais franceses. Attlee teria tido já três entrevistas telefonicas com Léon Blum.

O «Times» julga que o «comité» de não-intervenção se reunirá brevemente.—(D. N. B.).

Acentuam-se os desmentidos de Burgos a certas afirmações dos vermelhos

SALAMANCA, 17—O Radio Nacional difundiu, depois do comunicado oficial, uma nota oficiosa do governo nacionalista que se refere «ás calunias espalhadas no estrangeiro contra o Exercito nacionalista».

«A imprensa e a radio estrangeiras —diz a nota— fizeram circular calunias tendentes a demonstrar a pre-

A troca de catorze porcas sãs

por outras atacadas de febre aftosa

O agente Sequeira, por determinação do chefe Amado, prendeu Manuel Pedro, que é acusado de ter trocado algumas porcas atacadas de febre aftosa por outras sãs. O preso foi hoje interrogado pelo chefe Amado e declarou que não foi ele que trocou as porcas que estavam a morrer, mas sim outras pessoas. Foram 14 as porcas trocadas. Instado para indicar os nomes das referidas pessoas, declarou que se tratava dos seus moços, mas que os animais não eram seus e que nada tinha com o caso.

O chefe Amado achou a resposta estranha e preguntou se os moços costumavam fazer serviços daqueles por sua alta recreação. O sr. Manuel Pedro respondeu que não. Em face disto, o chefe Amado encarregou o agente Sequeira de intimar os moços a comparecerem no Torel, assim como outras pessoas indicadas pelo preso.

Parece que estas investigações vão dar muito que falar, visto a Policia estar na disposição de esclarecer este assunto em todos os seus pormenores.

Senhor dos Passos do Desterro

Com grande solenidade, realizou-se hoje, na igreja do Desterro, a cerimonia da lavagem e da investidura da nova tunica á veneranda imagem do Senhor dos Passos do Desterro.

Procedeu ao acto o paroco da freguesia, auxiliado por varios irmãos, titulares e dignitarios da mesa da irmandade.

Depois da investidura da nova tunica á imagem e da colocação da cruz, foi o Senhor dos Passos conduzido do seu camarim para a capelá mór, onde ficou exposto.

Amanhã, ás 10 e 30, celebra-se missa por alma dos irmãos falecidos, e depois de amanhã, á mesma hora, haverá missa rezada, por intenção das pessoas que concorrem para o culto da imagem. No domingo, ás 10 e 30, celebra-se missa, seguida de distribuição de um bôdo aos pobres, e ás 16, efectua-se a procissão para a condução da imagem do Senhor dos Passos para o seu camarim. Haverá, depois, sermão do Calvario, pelo rev. José dos Anjos Gaspar Borges, prior de Santa Engracia.

Café Cha
Salão
Realiza-se neste salão no
baile de "Mi-Careme".
RESERVAM

ESPANHA

e a cidade de Caspe

)na com a sua aviação

sença de fôrças estrangeiras nas fileiras do Exercito nacional. Ha mais de um ano que não entrou na Espanha nacionalista um unico voluntario estrangeiro. São soldados espanhois que formam o nosso Exercito. Não ha mais de 5 por cento de voluntarios nas nossas fileiras».

«Nas batalhas de Teruel, Alfambra e do Ebro tomaram parte unicamente espanhois do exercito nacional. Em consequencia da nossa grande vitoria no norte da peninsula pudémos dispôr da totalidade das nossas fôrças e utilizamos o enorme material que os governamentais abandonaram naquela região».

A mesma nota diz que «as declarações dos embaixadores «vermelhos» e do ministro dos Estrangeiros de Barcelona quanto a fantasticas concessões territoriais do nosso país são autenticas infamias. A Espanha nacionalista —termina—reivindicará até á ultima polegada do seu territorio e considerará sempre inimigos os que pretendam apoderar-se do seu territorio ou até discutir a sua posse».—(Havas).

CRONICA MILITAR

Se é verdadeira a noticia da demissão do general marxista Rojo, antigo chefe de Estado Maior de Miajas, a situação dos vermelhos deve ser desesperada.

O general Rojo era reputado um dos melhores tecnicos militares da zona moscovita. Sucede-lhe agora o mesmo que a Mangada, Ascencio, Sarabia e tantos outros generais do Exercito comunista: Cai em desgraça e vai ser submetido a Conselho de Guerra, porque lhe atribuem responsabilidades que pertencem aos chefes politicos.

Indalecio Prieto, culpado da derrota, faz aquilo que em linguagem de caserna se chama «descarregar para a esquerda».

Os chefes militares vermelhos têm o que merecem. Não nos condoamos. Tal qual na Russia, a revolução devora os seus pais... e padrastos.

* * *

Na nossa cronica de ante-ontem fizemos notar que não conheciamos confirmação oficial da queda de Caspe, noticiada pelas agencias telegraficas. Ontem, o comunicado do Quartel General de Burgos esclareceu a situação e completou os informes oficiais dados ante-ontem. Aquela cidade foi alcançada pelas fôrças de Yague, que já a envolvem por sul, poente e norte e ultrapassaram a estrada Alcañiz-Caspe.

Estão tomadas as posições que a dominam. As fôrças legionarias já ocupam um dos seus bairros.

Mas o inimigo continua a resistir na parte leste. E' indubitavel que cederá perante a manobra envolvente. No entanto, sabe-se que os marxistas atiraram para esse sector muitas tropas vindas doutras frentes, o que prova o bem fundado da nossa suposição de ante-ontem: O estado maior vermelho tentou organizar a nova linha de resistencia a coberto do rio Guadalope.

Mas é de notar que esse rio acha-se já atravessado pelos nacionalistas em Alcañiz, que aqui estabeleceram solida testa de ponte.

Portanto, logo que recomece o avanço para o mar, a linha de resistencia vermelha do Guadalope pode ser rôta facilmente.

Esse avanço, acha-se suspenso, conforme ontem previamos, para organização dos serviços de abastecimento e remuniciamento, indispensavel depois de marcha tão rapida e extensa.

O tempo empregado no envolvimento e conquista de Caspe não representa demora em relação ás operações futuras sôbre a costa, pois mesmo que Caspe já tivesse caido a paragem haveria de dar-se pelos motivos expostos. Entretanto, é possivel que se tente a conquista da serra de Gudár.

* *

O boato infantil da partida de Italia e da Alemanha de novos contingentes de voluntarios destinados á Espanha de Franco, foi energicamente desmentido pelos dois governos de Roma e Berlim.

Chamasmo-lhe infantil porque a manobra das frentes impopulares, *á fôrça de repetida, já não engana ninguem.*

Sempre que os comunistas berram pelo incremento da intervenção francesa em Espanha, inventam a chegada de reforços fascistas. *Num lado se põe o ramo e noutro se vende o vinho...*

* * *

Mas nem todos os franceses, nem os melhores dos franceses são favoraveis aos escravos de Estaline e de Azaña.

Ha que fazer-lhes essa justiça.

O general Weigand, por exemplo, escreve o seguinte, no prefacio do livro Leçons de la Guerre d'Espagne, *doutro seu compatriota, o general Duval:*

«O governo nacionalista está senhor de mais de metade do territorio e assegura, aí, actividade e existencia normais. Possui um exercito e uma marinha e soube conquistar a liberdade do mar. A sua vitoria afirma-se dia a dia, porque tem á cabeça um homem, um chefe *animado de patriotismo ardente, que sabe o que quere. A sua linha de conduta, corajosa e recta, sôbre o plano politico, afirma-se realizadora quando se trata de organizar um exercito, previdente e perseverante na fixação dos seus objectivos estrategicos, metodica e ofensiva na condução das operações.*

A vitoria não pode sair da anarquia e da ignorancia.»

O grande Weigand, chefe de estado maior de Foch, e seu substituto á testa do exercito francês depois da guerra, foi o salvador da Polonia invadida pelo exercito sovietico. E' a maior e a mais luminosa autoridade tecnica militar da França. O seu elogio caloroso de Franco deve impressionar toda a gente.

Por seu lado, o general Duval escreve o seguinte:

«A verdadeira fraqueza dos governamentais é tecnica. Manifesta-se em todos os graus da hierarquia, a começar pelo mais elevado, aquele em que se exerce a direcção da guerra. *Da incapacidade do governo resultam todas as outras.*

Dum lado ha Franco. Do outro lado, nada!»

Meditem nestas palavras, de grandes generais franceses, os pobres milicianos vermelhos sacrificados ás ambições criminosas dos chefes vendidos á Russia.

Meditem e digam: Basta!

CAP. JORGE BOTELHO MONIZ

Assembléa Nacional

Discutiu-se hoje a questão da actividade resineira

A sessão de hoje na Assembléa Nacional abriu ás 16 e 15, respondendo á chamada 42 deputados.

Na ordem do dia figura a ratificação do decreto-lei que substitui o quadro organico do comando geral da Guarda Nacional Republicana, a ratificação do decreto-lei que abre um credito destinado a reforçar o orçamento do Ministerio da Guerra; o aviso-previo do sr. deputado Almeida Garrett relativo ao exercicio das actividades resineiros; e a continuação do debate sobre propriedade industrial.

Antes da ordem do dia, o sr. dr. Garcia Pereira ocupou-se da nota oficiosa do Ministerio da Agricultura acêrca do preço do trigo, a qual elogiou por vir ao encontro dos desejos do produtor e do consumidor, e anunciou um aviso-previo acêrca do problema do trigo.

Depois de ser aprovada a ratificação pura e simples dos dois decretos que figuram na ordem do dia, subiu á tribuna o sr. dr. Almeida Garrett que se ocupou do seu aviso-previo relativo á actividade resineira, após o que o sr. dr. João do Amaral mandou para a mesa uma moção, na qual, considerando que é necessario resolver os problemas da extracção da resina em ordem á defesa do pinhal e á exportação dos produtos em obediencia aos interesses superiores da Economia Nacional, fomula o voto de que se regulamente o regime de extracção das gemas por forma que acautele o nosso patrimonio florestal e se atenda á utilização que a economia portuguesa faz dos seus pinhais nas industrias de construção, de embalagem, mineira etc., devendo o Estado promover para mais autorisadamente impôr obediencia ás normas dessa regulamentação, a criação do maior numero possivel de escolas de resinagem; e ainda o voto de que faça o condicionamento da industria transformadora e de que se estabeleça uma severa disciplina corporativa da exportação tendo em vista a defesa e valorização dos melhores produtos portugueses nos mercados externos.

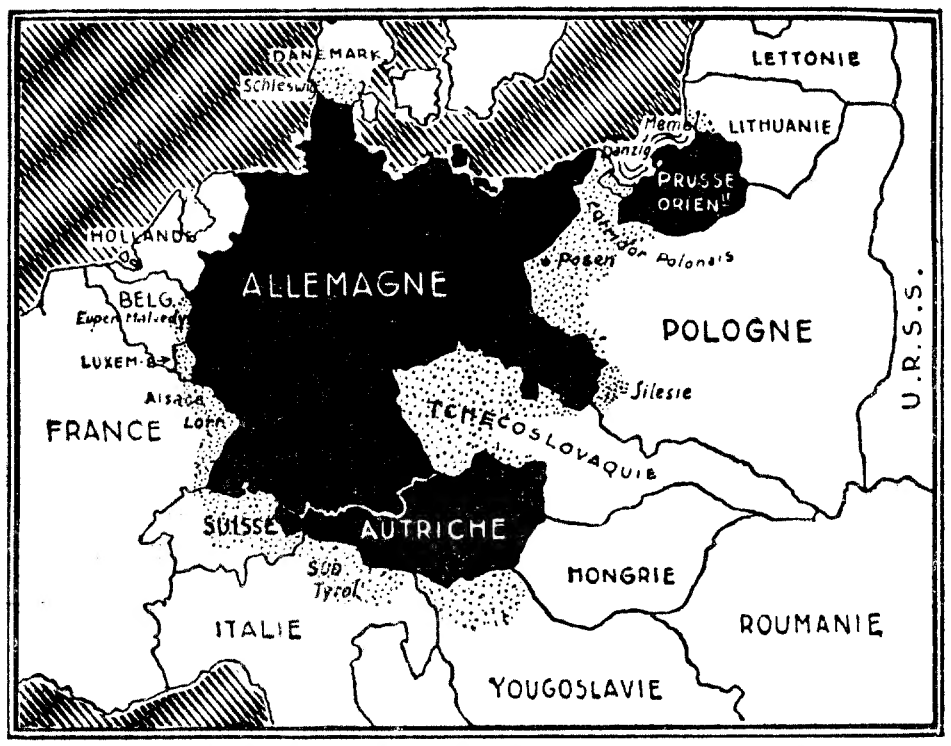
Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

ve d'Ouro
te Chá
roximo sabado 19 um grandioso
SE MESAS

A QUESTAO DA AUSTRIA

Estão a ser confeccionadas as listas

que devem ser utilizadas no plebiscito de 10 de abril



Hitler definiu no «Mein Kampf» a Biblia do nacional-socialismo, todos os objectivos da sua politica de expansão, marcando os limites do Reich alemão que devem, no futuro, enquadrar todas as regiões da Europa onde residem cidadãos de raça germanica. A Austria foi a primeira «étape» desse plano de expansão germanica. Neste mapa, indicam-se em ponteado as regiões visadas pelo programa que Hitler definiu no seu livro e que abrangem territorio francês, belga, italiano, suiço, jugo-eslavo, checo-eslovaco, polaco e lituano. O Luxemburgo e o territorio de Dantzig são inteiramente englobados neste plano. A Austria representa 6 milhões e 700.000 cidadãos novos para o Reich. Os outros territorios são povoados por 10 milhões e meio

VIENA, 17—«E's alemão?». Eis o tema do plebiscito do dia 10 de abril cuja organização já se conhece nas suas linhas gerais. Vão ser instaladas «cabines» nas assembléas eleitorais de maneira que os eleitores possam preencher os seus boletins sem serem vistos. Os boletins serão metidos dentro de envelopes. Está-se procedendo á confecção das listas eleitorais e os eleitores começam a afluir ás repartições encarregadas daquele trabalho para se inscreverem.—(Havas)

O significado das afirmações de Mussolini

ROMA, 17—O discurso de Mussolini, ontem á tarde, visou a demonstrar que nada, a não ser talvez a guerra, podia impedir o triunfo do nazismo no Danubio e que, de resto, a Italia nunca se comprometeu a defender a indepencia da Austria. Mussolini estabeleceu assim que tinha querido acima de tudo salvaguardar o eixo que continua ainda mais potente do que dantes. Finalmente importa salientar a passagem em que Mussolini declara não estar impressionado com o facto da Alemanha contar hoje 80 milhões de habitantes e a Italia 50 milhões, visto os alemães estarem repartidos em 10 fronteiras, uma das quais a da Italia, que é intangivel conforme as garantias do Fuehrer. Mussolini quis, sem duvida, dar a entender com isso que a pressão alemã não deverá—como alguns receiam—exercer-se necessariamente sobre a Italia unicamente, e que esta não tem a recear ser um dia isolada perante uma potencia estrangeira.—(Havas)

Prisões em Viena

VIENA, 17—Têm-se feito varias prisões nos circulos financeiros e da grande industria. Trata-se, sobretudo de personalidades israelitas. Certo numero de prisões não foi porém mantido. Para explicar certas prisões invoca-se a evasão de capitais. Na lista das pessoas presas figuram os quatro irmãos Schiffman, proprietarios duma grande casa de novidades de Viena e o financeiro Sigismond Bosel.—(Havas)

Um apêlo de Goebbels

BERLIM, 1.—O dr. Goebbels publicou um apêlo pedindo á população que oiça amanhã, pela Radio, ás 20 horas, o discurso de Hitler no Reichstag. Esse apêlo começa assim: «Nasceu o Grande Reich alemão. 75 milhões de alemães estão unidos sob a bandeira da cruz suastica. Realizou-se o desejo milenario de todos os alemães».

Goerlitzer, chefe adjunto do distrito de Berlim, pede á população que se reuna amanhã ao longo do percurso que Hitler fará para ir ao Reichstag e manifeste, com as suas aclamações, «o seu reconhecimento por tudo que fez para dar á Alemanha um lugar no mundo e assegurar a paz alemã».—(Havas).

Uma declaração de Litvinov

MOSCOVO, 17—Litvinov declarou á Imprensa que a U. R. S. S. estava pronta a examinar, imediatamente, com as outras potencias medidas praticas tendentes a evitar agressões semelhantes á da «Anschluss».—(Havas)

Desacôrdo no seio do governo inglês?

LONDRES, 17—As declarações de Chamberlain e Lord Halifax não parece terem apaziguado a inquietação da opinião publica perante a situação internacional. Não dissiparam certamente a impressão de mal estar causado pela reacção incerta do gabinete á absorpção da Austria pela Alemanha e perceptivel aqui e além até na Imprensa conservadora. As decepções que elas puderam causar exprimem-se abertamente só nos orgãos da oposição, embora o «Daily Express», que ha dias ainda felicitava Chamebrlain pela sua politica, dê uma certa publicidade aos boatos dos corredores relativos a dissenções que teriam surgido no Conselho de ministros de ontem com respeito á atiiude a adoptar.—(Havas).

TRIBUNAIS

Condenado por agressão

No 2.º juizo do tribunal da Boa Hora respondeu hoje Manuel Ribeiro Russo, acusado de, em 1 de dezembro do ano findo, ter agredido, com uma navalha, José Alves Salgado, no Campo Grande. Foi condenado em 2 meses de prisão, 1.000 escudos de imposto e 200 escudos para o queixoso.

A visita dos falangistas espanhois

Esta noite, os dirigentes da Falange Espanhola e Tradicionalista das *Jons* em Lisboa oferecem, no Tavares, um banquete aos dirigentes da «Legião Portuguesa» e da «Mocidade Portuguesa», em agradecimento á carinhosa e entusiastica recepção feita por estas entidades aos falangistas espanhois que nos visitaram por ocasião do desafio de «football» Portugal-Espanha.

Espectaculos

Imagem do Dia

Se os bons filmes são os que se exibem mais tempo, «Rosa do Adro» está conquistando um admiravel «record». Ha dois meses que ocupa o «écran» do Trindade, com enchentes consecutivas. Cinema para o povo, feito com os seus sentimentos, o lindo fonofilme empolgou-o inteiramente. Ha quem tenha vindo da provincia de proposito a Lisboa para o vêr, não podendo conter a sua impaciencia. Mas lá chegará. Portugal inteiro ha-de vêr a «Rosa do Adro».

Atrás do reposteiro

Foi fixada para a proxima quarta-feira, a estreia, no Apolo, da companhia Nascimento Fernandes, com a comedia «Pateta alegre» que, encenada pelo professor Carlos Santos, vai posta com cenarios de Serra & Amancio.

—A companhia do Variedades com todos os seus elementos estreia-se no Sá da Bandeira do Porto, no dia 31 do corrente, com a revista «Olaré, quem brinca!», a que se seguirá a nova opereta de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, «O Farol da Boa Nova», com Mirita Casimiro na protagonista.

—Beatriz Costa deve reaparecer em Lisboa no final do mês corrente, estreando-se, com a sua companhia, com a opereta «O pardal de S. Bento».

—Rescindido o contrato de Sousa Mendes, referente ao Gimnasio, a respectiva empresa está a estudar varias propostas que tem recebido para a sua exploração com cinema.

—Do elenco actual do Avenida tambem faz parte a gentil actriz Aida Ultz.

—Foi contratada para a companhia do Apolo a actriz Deolinda de Sousa.

—A artista Enita Correia, directora da Orquestra Tipica Portuguesa, vai abandonar definitivamente a carreira de actriz, consorciando-se nos primeiros dias de abril e seguindo depois, com a sua organização, para o estrangeiro.

—Consta que se vão realizar espectaculos de fado e variedades na praça de touros de Setubal, a começar no proximo mês de abril.

—O escritor teatral Luiz Palmeirim, que está a trabalhar na comedia americana «A Bela Portuguesa», encontra-se em Vila Franca de Xira, donde deve regressar no proxima dia 20.

—Erico Braga, solicitado para varias organizações teatrais, nada decidirá sobre futuros contratos, antes da viagem que projecta realizar em breve a Londres.

—Vão iniciar-se brevemente, com Mirita Casimiro na protagonista, os ensaios da opereta popular «Ribatejo», que a parceria de Alberto Barbosa apresentará no Maria Vitoria, após as representações da revista «A Praça da Alegria», ali em cena.

—Logo que termine o seu actual contrato, deve seguir novamente para o Brasil e Argentina o artista Luiz Barreira.

CARTAZ

TEATROS

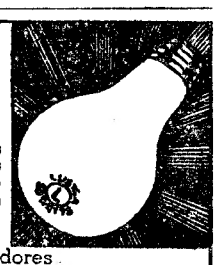
NACIONAL—A's 21 e 30—«Recompensa».
AVENIDA—A's 20 e 45 e ás 23—«Rosmaninho».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 23—«A Praça da Alegria».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«Olaré, quem brinca!».
COLETE ENCARNADO — Fados e guitarradas.

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
COLISEU—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
JARDIM CINEMA—A's 21.
LYS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

PROVAS CONCLUDENTES

As provas e experiências a que são submetidas as lâmpadas LUSTRA nos Electrical Testing Laboratories dos Estados Unidos, são as mais rigorosas do mundo. A Lâmpada LUSTRA é uma lâmpada de alta qualidade



Distribuidores
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

Zenith Recorder

a grande marca suissa de relogios para controle

de automoveis, camions, de toda a especie de maquinas e aparelhos electricos.—Peça uma demonstração e detalhes ao representante

J. F. M. CORTE REAL
R. S. Domingos á Lapa, 105 — Telefone 6 1827

ou aos vendedores autorisados

FACTO, L.DA
R. do Comercio, 8 — Telefone 2 2948

Aos motoristas

A todos os senhores **proprietarios** de **automoveis** de Portugal se pede a fineza de enviarem aos GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS o numero e marca dos seus automoveis, a-fim-de nos habilitar com a existencia suficiente de capachos, esteiras e tapetes para todas as marcas de automoveis. Basta preencher este boletim e endereçá-lo aos **GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS—LISBOA.**

Com a estampilha de 15 centavos.

Automovel n.º .....
Marca .....
Nome do proprietario .....
.....
Morada .....
.....

A devolução deste anuncio dá direito ao remetente de 10 0/0 de desconto nos artigos acima mencionados e de 5 0/0 nos artigos abaixo indicados durante os meses de Março, Abril e Maio.

Mobilia alentejana
Mobilia de junco
Mobilia de verga
Carpetes de varias qualidades
Tapetes, capachos, passadeiras, etc.

Temos pessoal habilitado e efectivo para preparar capachos, tapetes e esteiras para automoveis..

Telefone 6 4156 — Proprietario e gerente Manuel das Neves

UM MEDICAMENTO AGRADAVEL
e seguro para a sua digestão

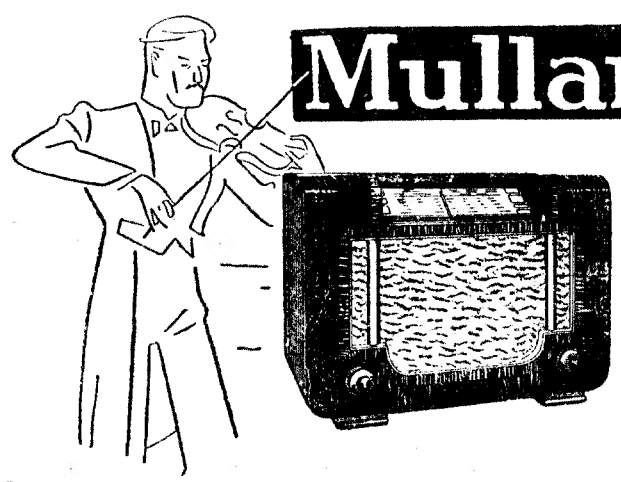
é o Elixir Saiz de Carlos. Com ele não necessita recorrer a um regimen especial para curar o seu estomago. Pode fazer a sua vida habitual, procurando não cometer excessos de qualquer ordem.

Este medicamento torna-se simpatico pela rapidez com que actua pois que a sua missão é cicatrizar as pequenas lesões, tão dolorosas, do seu estomago. Não é um neutralizante qualquer mas sim um produto cientifico, de formula conhecida, que combate directamente as causas da sua doença.

A' venda em todas as Farmacias—Depositarios: Farmacia AZEVEDO, IRMÃO & VEIGA—24, Rua da Misericordia, 42 - Farmacia AZEVEDO, FILHOS - 31, Praça D. Pedro IV, 32—LISBOA.

ELIXIR ESTOMACAL
SAIZ DE CARLOS

Mullard



O receptor de reprodução impecável!
Representante geral:
J. PINHEIRO DAVID — R. dos Fanqueiros, 62-2.º E.—Telf. **2.6546**

Atenção!

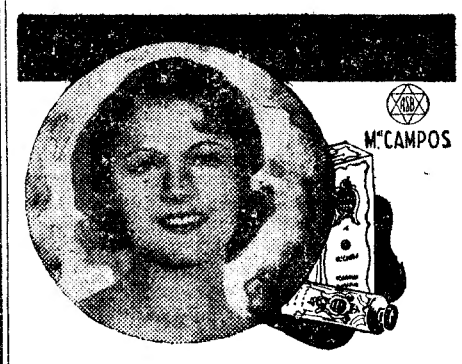
E' de seu interesse

Por nº intermedio pode adquirir o que pretender aos preços mais baixos.

Com pagamento até 12 e 24 prestações

DIAS DE CARVALHO LDA.
Rua da Prata, 289, 2.º
Lisboa—26738 Tel.

Mobilias
Tapetes
Louças
Fogões
Vestuario
Peles
Joias
Pratas
T. S. F.
Viagens
Automoveis
Etc., Etc.



PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiências deram a êste produto a finura e pureza, o aroma e as benéficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensável para as pessoas de pele sensível, sêca e delicada. Substituindo com vantagem os melhores sabonetes, a sua espuma finissima preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Refresca, branqueia e assetina, dando à epiderme uma transparência e um aveludado que a fez impor-se na série dos produtos RAINHA DA HUNGRIA, pela excelência dos seus resultados.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866—AV. DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

Quer a sorte grande? Habilite-se na tabacaria MADRID Rua do Mundo, 115

+

José Serrão de Faria Pereira

FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

José Serrão de Faria Pereira e sua mulher Amelia Maria Vellez Anderson Serrão de Faria Pereira, Gaspar Serrão de Faria Pereira e sua mulher, e mais familia, participam ás pessoas de sua amizade, que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença, o seu muito querido Filho, Irmão, Cunhado e Parente, cujo funeral terá lugar amanhã, 18, pelas 7 horas, da rua Serpa Pinto, 39, em auto-car funebre, a-fim de ser depositado na Capela privativa de sua casa na Azinhaga do Ribatejo, onde pelas 11 horas será rezada Missa de Corpo Presente, realizando-se em seguida a sua trasladação, para o cemiterio local.

P. N. A. M

Agencia Barata

REX OF EGYPT
Cigarros do Egypto
Princess e Royal Drcan
Pereira, Costa & C.ª, Ld.ª
R. Conde de Vizela, n.º 90, 1.º—PORTO

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE AS :OIOS, 711 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

A agitação na Palestina

Atentado dinamitista em Jerusalem

JERUSALEM, 17—Um desconhecido lançou uma bomba numa das ruas mais frequentadas de Jerusalem que atingiu um «autobus». Ficou gravemente ferida uma judia e alguns passageiros ficaram com leves ferimentos.—(Havas)

Ameaça de greve em Inglaterra

LONDRES, 17—Anuncia-se que, se até 29 do corrente as empresas não concederem um aumento de salarios, de seis xelins por semana, e não reconhecerem os contratos colectivos, declarar-se-á em greve o pessoal dos transportes de toda a Grã-Bretanha, excepto o dos caminhos de ferro. A greve abrangerá cêrca de 200.000 operarios.—(Americana)

Bidú Sayão em Nova York

RIO DE JANEIRO, 16—Comunicam de Nova York que a famosa cantora brasileira Bidú Sayão, que em 1925 cantou na ultima temporada lirica do S. Carlos, em Lisboa, acaba de alcançar um grande êxito no Metropolitan House desta cidade, na Boemia, ao lado de Jean Kiepura.—(S. P. N.)

A defesa de Portsmouth

LONDRES, 17—Manobras de defesa anti-aerea realizaram-se ontem sob a direcção das autoridades navais no porto de guerra de Portsmouth. Nelas tomaram parte vinte mil operarios das fabricas do Estado. Em toda a parte o trabalho foi suspenso durante uma hora. Diz-se que os resultados destas manobras foram satisfatorios.—(D. N. B.)

Politica egipcia

Desmilitarização dos partidos

CAIRO, 17—Em obediencia ao decreto-real que proibe as formações para militares, foram dissolvidas as organizações de «camisas azues», ligadas a Nahas Pachá, e de «camisas verdes», de tendencia anti-wafdista. Foram confiscadas as insignias, as armas e o dinheiro que pertenciam a estas organizações. O chefe do governo, Mahmud Pachá, declarou que, com esta medida, pretende «desmobilizar os partidos» e garantir a paz externa.—(Americana)

Morte dum diplomata brasileiro

em condições estranhas

LIMA, 17—Horas depois de ter apresentado as credenciais ao presidente da Republica, faleceu, devido a um ataque cardiaco, o embaixador do Brasil nesta capital, dr. Lucillo Bueno. O extinto era um dos mais ilustres diplomatas brasileiros. A sua carreira foi feita quasi totalmente nas capitais europeias.—(Havas)

A situação financeira do Reich

BERLIM, 17—O dr. Schacht declarou o seguinte acêrca da situação financeira do Reich: «A consolidação da situação economica permite hoje renunciar ao financiamento provisorio das encomendas do Estado, mediante tratados especiais, e encontrar os meios necessarios na emissão de obrigações do Tesouro ou num emprestimo do Reich».—(Americana)

AERONAUTICA

Não ha noticias do aviador Broadber

LONDRES, 17—De Batavi a informam á Reuter que não ha noticias do aviador Broadber, que chegou ontem a Batavia ás 3 e 30 (hora local) e que devia ter aterrado em Port Darwin ás 13 horas. O avião foi avistado pela ultima vez em Rembang (Java). As autoridades aeronauticas de Java avisaram todos os postos.—(Havas)

«Record» de altitude

PRAGA, 17—Um avião checo-eslovaco bateu hoje, por 1.300 metros aproximadamente, o «record» do mundo de altitude para aviões ligeiros da terceira categoria. Trata-se de um monoplano de dois lugares, de 98 cavalos e 4 litros de cilindrada, que subiu a 7.100 metros. O «record» anterior pertencia á França com 5.791 metros.—(Havas)

Aviso francês encalhado

PARIS, 17 — O aviso «Belfort» que participa nas manobras da esquadra francesa encalhou devido ao espesso nevoeiro. O navio, que conseguiu safar-se com a maré cheia, teve de ser socorrido por um rebocador vindo de Lorient, porque sofreu avarias graves na proa.—(D. N. B.).

Incendios misteriosos

LONDRES 17—Em cinco semanas registou-se ontem o terceiro incendio a bordo do paquete britanico «Berengaria», que se encontra na doca em Southampton.

O incendio foi rapidamente sufocado. Desconhecem-se as causas de todos estes incendios.—(D. N. B.).

A agitação na India

LONDRES, 17—Registaram-se graves desordens, ontem, entre indios e muçulmanos em Joubloulfore, nas Indias centrais. A Policia teve muito trabalho para restabelecer a ordem. Ficaram feridos 23 indios, 18 muçulmanos e 3 agentes de policia, alguns dos quais gravemente. Foi proclamado na cidade o estado de sitio.—(D. N. B.).

CONFERENCIAS

E' hoje, pelas 21 e 30, que no salão Stadium, do Sport Algés e Dafundo, realiza uma conferencia cultural subordinada ao tema «Novas directrizes da Psicologia» o sr. dr. Armando Ducla Soares. A entrada é publica.

BOLSA DE LISBOA

17 de março
CONTADO

VALORES	Fechado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 5 3/4 1936 ..	957$00	956$00	958$00
» 4 0/0 1934 ..	985$00	985$00	986$50
Emprestimo 4 1/2 0/0 1912			
Consolidado 4 1/2 0/0 1933	1.025$00	1.022$00	1.025$00
» 4 3/4 1934	—	1.147$00	
» 5 1/2 0/0 1933	—	1.064$00	1.065$00
Externo 3 0/0 1.ª Série .	1.706$00	1.706$00	1.707$00
» 3 0/0 2.ª » ..		—	
» 3 0/0 3.ª » ..	1.703$00	1.705$00	1.706$00
Cautelas 5/juro 3.ª Série	163$00	163$00	164$00
Acções			
BANCOS			
Espirito Santo e Comercial de Lisboa	—	762$00	—
Lisboa & Açores, port..	373$00	372$00	375$00
Portugal, portador.....	—	1.120$00	1.135$00
C.as DE SEGUROS			
Bonança	950$00	930$00	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	—	245$00	248$00
Nacional	—	750$00	—
Sagres	—	—	—
Tagus.....	—	1.300$00	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	—	—
» » privilegiadas	—	91$00	100$50
Aguas de Lisboa, port..	—	—	275$00
» ass. 1934	153$0	149$50	151$00
» » ass. 1936	150$00	149$50	150$00
Credito Predial	10$10	10$10	11$30
Gaz e Electricidade.....	307$50	307$50	—
Portugal e Colonias,....	86$40	86$30	86$40
Navegação	142$00	141$50	142$00
Portuguesa de Pesca....	—	—	—
» de Tabacos.	—	—	—
Tabacos de Portugal....	399$50	399$50	400$00
Tabaqueira	515$00	513$00	520$00
União Electrica Portug.	—	179$00	181$ 0
COLONIA			
Açucar de Angola.....	—	365$0.	381$00
Busi — 1.ª Emissão	—	44$00	46$00
» — 2.ª	—	—	—
Ilha do Principe, as.	—	—	375$00
Obrigações			
C. P. 6 0/0	163$00	163$00	164$00
Predials 6 0/0 — 1932 1.ª S	90$00	91$00	—
» 7 0/0	104$00	103$50	104$00
União Elect. Port, 6 1/2 0/0	115$00	114$50	116$00
» » » 5 0/0 ..	—	114$50	
Busi 6 1/2 0/0.....	—	119$00	120$50

Obrigações do Tesouro 3 1/2 0/0

Aceita inscrições e presta todos os esclarecimentos sôbre titulos do Estado Português.

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial—Rua S. Julião, 69
Telefone 2 5482

CAMBIOS

CHÈQUE SOBR	Compra	Vendas
Londres.....	110$15	110$19
Paris	$68,9	$68,9
Madrid	1$37,6	1$37,7
New-York	22$19 3	22$20,5
Zurich.....	5$09,1	5$09,4
Roma	1$16,7	1$16 8
Bruxelas	3$73,0	3$73 2
Amsterdam	12$25,2	12$25,9
Berlim	8$90,3	8$90,8
Praga.....	$77,7	$77,7
Rio de Janeiro.....	1$27,6	1$27,7
Libra ouro	—	—

Togal
CONTRA OS RESFRIAMENTOS GRIPES, CONSTIPAÇÕES
TOGAL é o remedio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal. A venda em tôdas as farmacias. Frasco, 10$00. Frasco triplice, 22$00.
É um produto da Togalwerk Zürich

Galeria de arte MERCADOR Mercador, L.da
Rua Nova da Trindade, 25—Telefone 29680
Participa aos seus clientes e amigos que ampliou a secção de mobilia, estofos e decorações modernas e convida V. Ex.as a visitar o seu estabelecimento
Unicos fabricantes em Portugal de Etamine de Seda para cortinados
Decorador René Pouymayou
Arquitecto Gonçalo Melo Breyner
Mestre estofador José Serra
A nossa secção de antiguidades passa para o segundo salão deste estabelecimento

A mais leve AGUA
VALE DE CAVALOS, exija-a no seu proprio interesse. Cristalina, sem possibilidade de inquinações. Visite a nascente. TEL. 6 3033.

Para **AUTOMOVEIS**
Baterias **U S L** — Velas **GLOPE**
Correias **DAYTON**
AUTO GERAL
175-R. Eugenio dos Santos 177-Tel. 24051

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 2 9062

Na prisão de ventre
DRALAX
FARMACIA ESTACIO

Use só **kalio**

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
Incontestavelmente o melhor tónico a empregar na convalescença de todas as doenças e em todos os casos de fraqueza geral.
UM CALICE DESTE VINHO REPRESENTA UM BOM BIFE.
Farm. Franco, F.os — R. de Belem, 18-22, Lisboa

A Italia, Austria, Alemanha, Belgica, Holanda e a Côte d'Azur
E' a Maravilhosa Excursão de Maio que vos convida a efectuar, a reputada
EUROPEIA AGENCIA TURISTICA DE LISBOA
Pedi o programa detalhado (que é verdadeiramente esplendido) sem nenhum compromisso da vossa parte, á acreditada:
EUROPEIA AGENCIA TURISTICA — Praça dos Restauradores, 13 — LISBOA, e aos seus Agentes
OREY, ANTUNES — Avenida dos Aliados, 59-69 — PORTO.
Inscrições até 20 de Abril
TUDO COMPREENDIDO — PAR IDA GARANTIDA
Maximo conforto — Preços que não temem concorrencia.

O INCIDENTE POLACO-LITUANO

Desmente-se a concentração

de tropas lituanas na fronteira

Moscicki, presidente da Polonia

KAUNAS, 17—A opinião lituana começou por não ligar nenhuma importancia ao incidente da fronteira, que custou a vida a um soldado polaco. Ficou por isso surpreendida com a importancia que se lhe atribuiu no estrangeiro e ficou violentamente emocionada quando teve conhecimento das noticias, de resto inexactas, de origem alemã relativas a um «ultimatum». Os meios oficiais todavia mostram-se calmos. As noticias relativas a pretensas concentrações de tropas lituanas são pura invenção. Os meios oficiais entendem que, desde que propuseram ao governo polaco a constituição duma comissão de inquerito mixta, deram prova de que estavam no seu direito.—(Havas)

Manifestações em Cracovia

VARSOVIA, 17—Em Cracovia realizaram-se ontem manifestações sobre a questão da Lituania. Os estudantes votaram uma resolução pedindo medidas energicas para garantir os interesses da Polonia no Baltico.

O partido nacional organizou em Lodz uma manifestação que pede a «libertação» dos duzentos mil polacos que vivem na Lituania. O mesmo partido tambem pede que seja reforçada a posição da Polonia no Baltico e a Lituania se subordine aos interesses do estado polaco.—(D. N. B.)

O ambiente anti-polaco na Lituania

VARSOVIA, 17—A Imprensa regista os excessos anti-polacos que se deram na cidade lituana de Kalwaria, onde teriam sido quebrados os vidros das janelas do palacio da Organização Cultural Polaca. Os jornais consideram estas manifestações como uma nova provocação lituana.—(D. N. B.).

O significado dos ultimos incidentes

KAUNAS, 17.—Apesar da noticia de dois novos incidentes, a transposição da linha administrativa por um destacamento polaco e o rapto dum empregado das alfandegas lituanas, os circulos oficiais mostram-se serenos. A opinião lituana, a principio, ligou pouca importancia ao incidente, porque anualmente se dão cêrca de 60 do mesmo genero, havendo alguns casos em que se registaram mortos e feridos. Causou, pois, certa surpresa o facto de se saber que Beck regressara a Varsovia e a opinião publica lituania mostra-se inquieta com a importancia dada pela Polonia ao incidente.—(Havas).

Ultimato da Polonia á Lituania

VARSOVIA, 17—O «Nova Pravda», jornal da oposição, informa que a Polonia enviou ás 11 horas um ultimato com ameaças de acção militar, á Lituania.—(Havas).

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, dando-se o maximo do seu valor na casa de penhores

MONTE AUXILIAR

177—Av Duque d'Avila—177

TELEF. 48209

A SESSAO DA CAMARA MUNICIPAL

O mau sabor da agua de Lisboa

e os aspectos mais importantes

do problema da construção civil

Efectuou-se hoje, de manhã, sob a presidencia do sr. engenheiro Duarte Pacheco, a reunião publica mensal dos vereadores a que assistem tambem os, directores de serviço da Camara Municipal de Lisboa.

O sr. dr. Silva Pinto leu a acta da sessão anterior.

Por proposta do sr. presidente, foi resolvido que os vereadores dêem, para a sua inclusão na respectiva acta, uma nota dos discursos que proferiram nas reuniões.

O sr. Duarte Pacheco, de harmonia com o artigo 654 do Codigo Administrativo—que manda que até 31 de março do ano seguinte sejam aprovadas pela Camara e enviadas ao Tribunal de Contas as contas referentes a cada exercicio—pôs á votação as contas referentes ao ano de 1937, dizendo crer que a vereação deve, pura e simplesmente, aprová-las. O sr. arquitecto Luiz Alexandre da Cunha fez um reparo a essa disposição do Codigo Administrativa, dizendo ser mais natural que as contas fossem aprovadas pela comissão administrativa a que dizem respeito. Eo sr. presidente afirmou que transmitiria a quem de direito tal sugestão.

Referindo-se ao problema do mau sabor e do mau cheiro das aguas, abordado na reunião anterior pelo sr. dr. Frade Viegas da Costa, leu uma informação do engenheiro director dos serviços de salubridade do Municipio, na qual se relata o que se pôde averiguar depois de consultadas a Direcção Geral de Saude e a Comissão de Fiscalização do Abastecimento de Aguas á cidade de Lisboa. Concluiu-se que existiam clorofenois na agua, devido ao contacto desta com alcatrão, empregado no revestimento da conduta que vem do Carregado. E foi resolvido, por isso, suspender o fornecimento á cidade de agua dessa conduta, que continua a ser aproveitada apenas para lhe dar uso que faça desaparecer tal efeito, sendo a respectiva agua lançada ao Tejo. Ao mesmo tempo está sendo estudada a possibilidade de utilizar para revestimento outro produto que não tenha os inconvenientes do alcatrão.

O sr. dr. Viegas da Costa agradeceu a intervenção do presidente no assunto, dizendo tratar-se dum problema instante que necessitava um esclarecimento completo.

—Eu já sabia—acrescentou—que havia clorofenois nas aguas de Lisboa. Mas o que admira é que, existindo eles, não se tivesse evitado que o publico se apercebesse disso. Havendo excesso de cloro, tratava-se de desclorar a agua. E os especialistas sabem bem como isso se faz.

Citou, por exemplo, o emprego de filtros de carvão e de injecções de permanganato de potassio.

O sr. engenheiro Luiz Costa tratou tambem do assunto, apontando a necessidade da sua resolução.

Por fim, o sr. presidente, falando do problema das aguas, disse que, se este ainda não está completamente solucionado, tem, porém, sido estudado, e muito já ha feito:

—Só nos ultimos três anos, gastou-se nas obras de abastecimento de aguas cêrca de oitenta mil contos. E devemos observar, com desvanecimento, que esses trabalhos foram planeados, projectados e realizados por tecnicos portugueses. E, embora ainda tenham que ser pedidos, por vezes, pequenos sacrificios á população, não passará muito tempo sem que o problema esteja totalmente resolvido.

Apresentou propostas, referentes á venda em hasta publica de diversos lotes de terreno e mandou ler um edital referente á arrematação dos materiais resultantes da demolição do mercado de S. Bento, que se realizará na Camara, no proximo dia 23, ás 11 horas. E anunciou a criação de dois premios anuais de arquitectura: um de 10 contos para o autor do melhor composição arquitectural de cada ano que esteja concluida até 31 de dezembro do respectivo ano; outro, de 25 contos, ao autor do melhor projecto de casas de habitação.

O sr. dr. Viegas da Costa, em nome da comissão municipal de arte e arqueologia, felicitou o sr. presidente, alargando-se em considerações sobre o contraste entre a Lisboa antiga—«formosa e alegre»—e a parte moderna da cidade que foi construida precipitada e desordenadamente e que necessita duma amputação «cuidadosamente estudada e executada por um bom cirurgião». E terminou dizendo que o Premio Valmôr já era insuficiente e que os criados agora já são relativamente valiosos.

O arquitecto sr. Luiz Alexandre da Cunha sugeriu que nas bases referentes a tais premios se assegure o caracter nacional das obras e o emprego de material na sua maioria português, para estimular certos oficios que estão na contingencia de desaparecer. Saudou o sr. Duarte Pacheco pelos incitamentos aos arquitectos dados como ministro das Obras Publicas e como presidente da Camara.

O sr. presidente disse, entre outras coisas, falando da construção civil em Lisboa:

—Este problema é particularmente importante, por varios motivos: pelo volume de capitais que nele andam envolvidos; pelo que a construção em Lisboa pode influir na expressão da cidade; e pela imensidade de operarios que vivem da construção civil em Lisboa, já de ha muito eu tinha a impressão de que ela, estava muito doente. Mas o contacto com a doente e a sua auscultação quasi desanimam os mais apaixonados defensores dos interesses da coisa publica. Vamos ver se a Camara tem a coragem de prestar á cidade este pequeno serviço de orientar devidamente a construção civil em Lisboa! Visitando os bairros novos excentricos, tem-se uma impressão aterradora.

Aponta como causa de tudo isto a falta de competencia das pessoas que se têm dedicado a fazer projectos:

—Isto não pode continuar! A Camara não pode continuar a aprovar os «bonecos» apresentados por pessoas sem habilitações para elaborar projectos de construções.

E, depois de se referir aos consctrutores—dizendo que a maioria é capaz de se deixar orientar, mas que ha uma minoria que não quere sê-lo—e a alguns arquitectos que se atrevem a assinar «bonecos» baratinhos feitos por outras pessoas, afirmou que a instituição dos dois premios de arquitectura é um primeiro passo dentro da politica que enunciou e que é necessario estimular, não só os arquitectos, mas tambem os engenheiros, os construtores e os donos dos predios, ao mesmo tempo que defender os interesses dos inquilinos—que são, a-final, sempre, os mais prejudicados pelas condições anarquicas e descuidadas da construção.

—Melhorando os projectos, teremos feito o essencial para realizar em Lisboa construções que não nos envergonhem! Parece-me que não é pedir muito...

Terminou, dizendo que tem recebido diversos aplausos á sua orientação em tal capitulo, de entre os quais destacou o do presidente do Sindicato dos Construtores Civis de Lisboa.

O sr. engenheiro Luiz Costa disse que o descalabro arquitectonico verificado em Lisboa justifica plenamente a orientação do sr. Duarte Pacheco—que, afirmou, «tem o apoio de toda a Camara e terá mais tarde a gratidão de todos os municipes». E mandou para a mesa uma moção aprovando essa orientação.

O sr. presidente comunicou o inicio da realização do Parque Florestal de Monsanto, dizendo contar plantar lá este ano 450.000 arvores, para as quais já estão abertas 68.000 covas, devendo estar todas elas abertas em outubro. Comunicou tambem que vai ser aberto um concurso para a pavimentação de toda a avenida Almirante Reis, com um perfil novo transversal.

O sr. presidente apresentou uma proposta para serem consideradas de utilidade publica a construção duma estrada de acesso a Lisboa pelo lado de Sacavem, e as expropriações necessarias para a realização dos melhoramentos publicos indispensaveis naquela zona, e outra de expropriação,—tanto aquanto possivel amigavel—dos terrenos onde está instalado o bairro das Minhocas, tendo anunciado que a Camara vai construir barracas ligeiras, de caracter provisorio, para as pessoas que nele vivem, que serão um deposito intermediario entre a miseria de hoje e a situação que o Estado Novo, protector da Familia, procurará criar-lhe no futuro.

Falaram, enaltecendo o valor desta iniciativa, os vereadores srs. dr. Formosinho Sanches que, como médico, afirmou que daqueles bairros provieram quasi todas as epidemias verificadas em Lisboa—e Francisco Marques, que, em nome dos trabalhadores, felicitou o sr. presidente, depois de apontar a vida miserável que muitos operarios levam naqueles aglomerados que são uma vergonha.

Por fim, o sr. Duarte Pacheco disse que já estão a ser distribuidas 198 novas residencias do bairro da Ajuda, devendo começar em breve a de 165 das Terras do Forno e de 220 da Serafina.

Casa mobilada

com todo o conforto moderno, no Bairro Azul, aluga-se, tratar pelo telefone 6 0215.

Teatro Nacional

Hoje ás 21 e 30

O maior exito dos ultimos anos a grandiosa peça, original de RAMADA CURTO

RECOMPENSA

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

Reuniram-se os ministros

sob a presidencia de Lebrun

PARIS, 17.—Reuniu-se hoje o Conselho de ministros. sob a presidencia do Chefe do Estado. O Conselho autorizou Daladier a gastar 3.465 milhões pelo ministerio da Aeronautica, 400 milhões pelo da Marinha e 600 pelo da Guerra.

A pedido do ministro do Orçamento, o Conselho apresentará hoje mesmo na Camara um projecto de lei para abertura de creditos, a fim de se dar execução ao programa excepcional da Defesa Nacional. A verba pedida por Daladier faz parte do orçamento ordinario da defesa nacional pela verba de 11 biliões.—(Havas).

A declarção ministerial

PARIS, 17.—A declaração ministerial, lida hoje nas Camaras, começou por lamentar que as circunstancias não houvessem permitido a formação dum «governo potente que reunisse todas as forças republicanas da Nação».

O governo actual, diz, reclama-se da Frente Popular «mas está resolvido a não deixar perder qualquer ocasião de suscitar em volta da maioria a união necessaria dos franceses».

«Estará sempre pronto, diz a declaração, a renovar a tentativa que infelizmente se malogrou e inspirar-se-á no espirito que a havia ditado».

«A missão essencial do governo será antes de mais nada, diz ainda a declaração, fazer frente aos perigos da situação exterior. A França, unanime, quere apaixonadamente a paz. Se se tratar da paz da Europa, não haverá iniciativa alguma que ela não esteja disposta a tomar ou a aceitar. Quere tambem salvaguardar a sua plena independencia, os seus interesses vitais, preservar a segurança das suas fronteiras e das suas comunicações, honrar plenamente, como acabamos de demonstrar, a garantia dos compromissos a que deu a sua assinatura».

A declaração ministerial continua:

«Jámais admitiremos, por nossa parte, que essas duas vontades sejam incompativeis. Iremos, para conciliá-las, até ao extremo do esfôrço humano».

A declaração anuncia, em seguida, que a França aumentará o seu poderio militar «pois que as circunstancias a isso obrigam o pais. Entendemos aumentar ainda mais a força militar da França. Os programas complementares de armamentos serão postos em execução sem tardar. Nada se poupará para desenvolver os meios materiais da produção, para ordená-los racionalmente, para elevá-los ao mais alto ponto da sua utilização». A declaração anuncia, seguidamente, que a França se esforçará por apertar as suas amizades e alianças.

«Paz na honra e liberdade foi sempre a sua regra. A moralidade e solidariedade internacional não cessam de ser o seu principio».

O governo entende continuar os esforços dos governos anteriores no sentido do saneamento orçamental e não renuncia a continuar a obra de justiça e progresso social. O governo apresentará o projecto da reforma dos velhos trabalhadores, retomará a discussão do Estatuto Moderno do Trabalho.

«A unidade francesa, conclui a declaração, é uma força que é preciso tentar pôr á prova. Na sua longa historia, a França soube sempre engrandecer-se á medida que surgiam dificuldades e perigos e dará, uma vez mais, o espectaculo duma Nação forte e corajosa, orgulhosa de si mesma, igual á sua historia e ao seu destino». —(Havas).

Blum põe a questão de confiança

PARIS, 17.—Blum pôs a questão de confiança e pediu o adiamento das interpelações para terça-feira.—(Havas).

TAPETES PORTUGUESES

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais*—Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

PATISSERIE VERSAILLES

Lanches para casamentos

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

José de Almada Negreiros diz-nos no seu ultimo livro «Nome de guerra»:

—A sociedade só tem que ver com todos, não tem nada que cheirar com cada um.

Isto é uma frase bonita, de compendio estoico. Acho-a bem arranjada, porque se ajusta a tudo quanto cada um de nós quereria pensar. Sim; porque nós tambem pensamos o que desejariamos pensar.

E só é verdadeira porque não contém a mais pequena particula de verdade real. (Estes paradoxos são hoje não apenas admitidos mas tambem aconselhaveis).

Se a sociedade só tivesse que ver com todos, isto é: consigo propria, não se chamaria sociedade mas colectividade.

Nas proprias sociedades comerciais o bloco não faz outra coisa senão preocupar-se com cada um dos da sociedade.

Na sociedade filarmonica ai do mestre que não se preocupa senão com o conjunto, com todos em todo, e deixasse os naipes.

E a Sociedade Protectora dos Animais não se preocupa com os animais «em todo» de especie, mas com cada um, de per si, quando esse cada um está doente ou a dona é de facto quem está doente e supõe o animal como tal.

A Sociedade das Nações quere tratar de todos em geral, mas trata de cada um em particular, embora do tratamento não resulte vantagens. Os beneficios podem ser discutiveis, e ha até quem sustente que a Sociedade não existe porque não existe uma sociedade que só dá assembléas gerais e não tem movimento associativo que não seja o da deserção. Mas quando existe, em corpo plenario, é o «cada um» que interessa», sempre sob a forma de um todo ideologico, nitidamente wilsoniano.

Na sociedade onde a gente se aborrece o unico entretenimento que a salva é passar o tempo a discutir cada um em particular, e quando muito—dois de cada vez, ou aos pares.

A sociedade, ao contrario pois do que José Almada, concentrico e entusiasmado, sustenta que deve ser, não tem outra razão de ser senão a preocupação do individuo ou «a individua», como diz charramente o povo.

A realidade confirma o contraconceito; ora a sociedade é um efeito realista e não pode deixar de se apoiar no que «é» e não apenas no que devia ser.

Mesmo que não estivessemos numa epoca de realidades, isto é: de factos que se consumam—a norma não difereria.

Santo Deus! Uma sociedade a preocupar-se com todos! Vejam bem. Preocupando-se com um, ou com dois, ou com três, quatro, ou cinco, mas sempre um por cada vez —que é o que importa—vejam a dissonancia que ela, a sociedade, oferece a quem está a ouvi-la, fingindo que está a ler o ultimo «Collete».

Que aconteceria se a sociedade se preocupasse com todos ao mesmo tempo, quero dizer: consigo propria!

E' certo que José de Almada não diz que a sociedade se deve preocupar com todos ao mesmo tempo. Isto digo eu. Porque preocupar-se com todos, isoladamente, em lotes, em cada tarde de receber—é o que ela faz.

Conclui-se portanto, logica e sabiamente, que é como eu interpreto: «ao mesmo tempo com todos, e com cada um—não».

Almada que neste romance dos Antunes—um livro de ler-se—não quere ser humorista (e é quando o é, com a naturalidade de artista) e no capitulo a que me refiro consegue estar a serio três paginas, e quasi nos convenceria, se nós não soubessemos que o proposito dele é estar a serio; José de Almada é bem intencionado: «Que uma pessoa tome a seu cargo dirigir o proprio destino que lhe coube, é com ele. Que seja a sociedade quem se proponha dirigi-lo, é incongruente».

Ora eu seria levado a crer que neste seu novo aspecto o pensador-pintor da «Invenção do Dia Claro» se quere referir á sociedade governante, orientadora, superior, eleita, fadada para guiar legalmente os destinos dos outros; sim, senhor, seria levado a crer que ele pretende referir-se a esta sociedade constituida se não soubesse que Almada sabe que uma e outra são, afinal, a mesma, uma só.

(Esta maneira de extractar hoje o meu pensamento reflecte-se, por simpatia, da leitura do livro. E' natural; quando acabou de ler a minha «Novela do Amor Humilde» José de Almada confessou-me que se impressionara e se sentira «bota de elastico». Datam certamente daquela sua epoca da minha leitura umas ingenuas figurinhas do seu lapis de desenhista peregrino, e que só têm, a mais da leitura, a qualidade de serem admiraveis).

Ora se a sociedade B é igual á sociedade A, e, mais do que igual, é a mesma que se desdobra numa missão mais alta, é a mesma que aborrece e se aborrece, a mesma que dantes recebia a toda a hora e agora não recebe senão a horas; se isto é assim como eu, e como vocês—oito fieis e intrepidos leitores—estamos a vêr, como é possivel dizer-lhe «não tem nada que cheirar com cada um; a sua função é entreter-se com todos»?

José de Almada, generoso eu o reconheço, deseja ver o homem mais individuo e o individuo mais livre; a liberdade menos sociedade e a sociedade menos bisbilhoteira de cada um.

Muito bem.

A intenção salva o capitulo deste livro «Nome de guerra», porque no resto, e dentro de um pensamento que foge á sigla Almada com um «I» muito alto com um pensamento, o livro não precisa salvação, pois de seu semblante e animo estão na pureza dos esteticos ideais.

— O nosso intimo pessoal é inatingivel por outro — escreve ainda.

Talvez esteja neste conceito respeitavel a explicação verdadeira do capitulo a que me refiro, e que se intitula — vou eu repetir: — «A Sociedade só tem que ver com todos não tem que cheirar com cada um».

* * *

Ao reler, uma noite destas, o curioso livro, mais de memorias do que de intenções literarias, «Um republicano na Cidade dos Papas», do dr. Emidio Garcia — Roma surgiu-me na minha retina num fundo de infinita saudade.

Das muitas cidades que percorri nos meus tempos de «navegação» jornalistica — e não fui positivamente um viajeiro profissional da profissão como no nosso pais ninguem o consegue ser — duas ha que me ficaram para sempre: Sevilha e Roma, ainda que por diferentes aspectos e até diferentes razões.

No livro do dr. Emidio Garcia, que ao tempo era administrador por parte do Estado de Santo Antonio dos Portugueses — Roma aparece aos retalhos, em parte que eu conheci nos meses somados que por lá andei.

Toda a leitura de regiões conhecidas tem um forte poder evocador. A evocação é como o perfume que fica num frasco; tem até um mais penetrante sentido perturbador.

Factos, figuras, lances, dramas, sensações, imprevistos, glorias e desilusões, fantasmas que já não são de gente, silhuetas que já não são de cousas — aparecem na retina, e fixam-se, e duram. Exaltam.

Não é a mocidade que a gente, nestes casos evoca, pois a mocidade «a gente não dava por ela» e logo não existiu lá.

São as vidas.

Ora o livro do dr. Garcia, muito digno de leitura, embora muito pessoal, refere-se a gente que ainda conheci, a factos que lá me foram relatados, a cenas que ainda surpreendi — episodios que eu póde repetir — filmes, comedias, entremeses do jornalismo, da literatura, da diplomacia.

E eu não escreveria estas linhas, mais de intimidade do que de mesa de café, mesmo entre amigos, se não tivesse um episodio para contar — e não traz consigo mal algum. E é uma referencia ao dr. Eusebio Leão, ao tempo nosso ministro no Quirinal (1920) e uma alusão a vinho do Porto que sugere este «racconto».

Para corresponder a amabilidades recebidas, para bem exercer, como a entendo, a minha profissão, para reunir portugueses que raras vezes se juntavam, e mal se falavam, na encantadora Cidade eterna, e ajustando as minhas atitudes de sociedade ás instruções recebidas do dr. Augusto de Castro, director do meu jornal «Diario de Noticias», e que mais tarde fui encontrar em Roma ministro no Vaticano; por tudo isto, e ainda «por que me apeteceu», ofereci um banquete aos portugueses que estavam em Roma, e que podiam ir. Foi no Hotel de La Paix, na Via Nazionale.

Que me lembre agora assistiram o dr. Pedro Martins, ao tempo nosso ministro na Santa Sé, dr. Eusebio Leão, ministro no Quirinal, os conselheiros da Legação, dr. Arenas de Lima, e dr. Justino de Montalvão, os secretarios da Legação dr. Mendes Leal e Avelar Teles, Monsenhor Oliveira Machado, Reitor de Santo Antonio, comandante Mesquita Guimarães, adido naval, Antonio Ferro, que ali, pelo «Seculo» iniciava a sua vida de reporter internacional, e acabava de chegar, triunfante, de Fiume, e o dr. Emidio Garcia.

Mesa admiravel, adornada de rosas vermelhas da Trinita dei Monte. Portugueses, patriotas, francamente ligados pelo carinho das palavras — servidos por criados que falavam português por terem estado no Brasil — todos bem dispostos como velhos amigos que ha muito se não encontrassem, o banquete decorreu em maravilha.

Simplesmente — não havia vinho do Porto! Entre portugueses era grave.

O dr. Garcia dissera-me dias antes que o dr. Eusebio Leão tinha-o bom em casa, mas não o dava. E o Justino Montalvão acrescentou: «não lhe apanhas uma garrafa».

Subtilmente (eu era conhecido na casa particular do ministro) mandei buscar duas garrafas ao seu criado, como se fôsse por ordem do diplomata.

E os brindes foram feitos com vinho fino do Douro, que em terra extranha sabe a licor de deuses.

E que discursos! O primeiro foi o do dr. Pedro Martins, uma lição amavel, uma ode lusiada.

— Onde foi Você desencantar vinho do Porto? — interrogavam, todos ignorantes da inventiva.

As palavras Portugal e Patria, sem enfatico tom, correram sempre na elevação que correspondia á cena intima. A caminho de Santo Antonio, para onde depois nos dirigiamos, interrogava o bom dr. Eusebio Leão:

— Onde desencantou Você tão bom vinho?

Para não me confessar logo, e para não mentir, distrai-me.

TEMAS DE ACASO

Só mais tarde lho disse, em Lisboa. Achou graça. Não extranhara; os criados, por motivos nada patrioticos, faziam-lhe aquelas partidas.

Eis um episodio, banal reconheço-o, e que me foi sugerido pela leitura dos trinta e tantos capitulos do livro do meu velho amigo dr. Emidio Garcia.

* * *

Mudemos de tom.

Os fadistas nos hospitais! Ai está o assunto de uma cronica, que já agora não escrevo. (O tom de uma cronica é bem diverso do de uma pagina conversada).

Ocorre-me, e relato os factos, na singeleza a que nos habituamos, e raras vezes quebro.

Ha pouco tempo numa Casa de Saude de Lisboa foi operada, por um professor eminente, uma cantadeira de fados: Maria Alice.

Correu a operação admiravelmente, mas a certa altura da noite a enferma delirava, num incidente trivial.

No delirio toda a noite cantou o fado. No conchego da Casa de Saude a disciplina foi ofendida. Mas como evitar? Sacudida, acarinhada pelas enfermeiras, Maria Alice voltava ao fado—e o fado horas esquecidas encheu a Casa de Saude das Amoreiras, tão sossegadinha.

O fado—se ele proprio é doente! Não sabemos se os outros enfermos se indignaram. Talvez tivessem delirado tambem, no encanto que estas toadas, fora de horas e longe das conveniencias, tem em certas situações das almas e das vidas.

Mas outro caso, não menos curioso, passou-se ha uns dois anos, no hospital de Santo Antonio dos Capuchos.

Ercilia Costa, outra cantadeira de peregrina inspiração fadista, foi operada por um ilustre cirurgião, que conseguiu salvá-la a uma morte que parecia certa. Ercilia rezava (não cantava o fado) e o medico devotado salvou-a.

Quando Ercilia, já operada, ressuscitou para a vida, e podia receber sensações, os seus camaradas do fado, com um dêles, amicissimo da cantadeira, á frente —Alfredo Marceneiro—ofereceram-lhe uma serenata.

O romantismo desta gente! Sabiam qual era a janela do quarto da doente que deitava para a rua, e toda a noite—talvez na cumplicidade da Policia—cantaram para que Ercilia se embalasse e sofresse menos.

E o fado correu, a meia voz, da rua pela enfermaria toda, aquela linda enfermaria de Casa de Saude de luxo que ha em Santo Antonio dos Capuchos, e em cujas paredes vive o esmalte vivo dos azulejos do antigo Palacio Murça!

Ercilia chorou; as outras doentes choravam com a cabeça escondida sob os lençois. As enfermeiras repontavam, a fingir, e quedaram-se a ouvir.

E o Hospital todo envolveu-se de uma ternura morbida, mas que a Ercilia não podia dispensar—para continuar a viver.

Isto contou-mo o proprio medico, a quem mais tarde Ercilia Costa ofereceu, com o Alfredo Marceneiro, uma outra serenata de fados, num retiro castico cêrca de Lisboa.

—Nunca a ouvi cantar tão bem na minha vida!—acrescentou o cirurgião, ainda numa emocionada evocação da noite fadista.

Aquele fado dos hospitais...

Tinha o corpo na terra e elevava o braço ao ceu. Roçava pela morte e dava a vida aos seus crentes mortificados.

Mas—confessemos—é um assunto sempre reles este da «fadistage»... Ponto.

NORBERTO DE ARAUJO

UMA PREGUNTA OPORTUNA

Onde deve construir-se

o Palacio da Justiça de Lisboa?

«... Sr. director do *Diario de Lisboa*. —Tem o conceituado jornal de V. sido um dos grandes batalhadores do embelezamento de Lisboa. Batalha infrene em que os vandalos, por vezes, levam de vencida as melhores intenções e os espiritos mais fortificados para a luta.

Não sucede assim, felizmente, com o jornal de V. ; prova-o bem, a concordancia e interesse logo tomados pelo alvitre do «Jornal do Comercio e das Colonias», sugerindo a demolição do quartel do Carmo para a construção no mesmo local do futuro Palacio da Justiça.

Confesso a V. que de todos os alvitres que têm chegado ao meu conhecimento—e eles têm sido tantos!, desde o Palacio da Justiça subterraneo, talvez para evitar, em presença da aviação, que a força do Direito fôsse menoscabada pelo direito da força, até á construção na outra margem, talvez para mostrar que a Justiça dos homens está, ás vezes, na outra banda! —é o alvitre do «Jornal do Comercio e das Colonias», um dos que mais me agrada, porque encara o problema com mais larguesa de vistas.

Contudo, permita-me V. que discorde.

A junção e a grandiosidade do Palacio da Justiça iriam depreciar as ruinas do Convento do Carmo; assim como a inversa tambem é verdadeira: as ruinas do Convento do Carmo depreciariam o Palacio da Justiça. Ora o Convento do Carmo, mesmo como ruinas, é uma joia de beleza e de encanto e, sobretudo, alberga no seu seio o espirito de Nuno Alvares Pereira, expoente maximo das virtudes racicas e da inquebrantavel fé na independencia de Portugal.

Ha que respeita-lo.

Mas ha mais: como se faria o transito automovel quando actualmente a maioria das arterias que servem o largo do Carmo já não dão vazão regular ás viaturas?

Em meu entender mais alguns argumentos convincentes condenam esta localização e abonam a favor da que proporei, mas julgo desnecessario apresentá-los, para não enfadar. E, creia V. que na minha critica não ha o menor intuito depreciativo para o autor da idéa.

Pelo contrario, queremos tanto que nos respeitem as nossas idéas, embora descutindo-as, que não podemos deixar de respeitar as idéas dos outros e, ainda mais, quando elas representam o bom desejo de melhor servir a colectividade.

Não! E' simplesmente porque julgamos mais adequada a solução que propômos.

Pôsto isto, permita V. que alguem, nado e criado em Lisboa, cidade marginal segundo rezam as cronicas—quem duvidar que verifique pela nesguinha da Praça do Comercio...—que dedica, desde ha muito, todo o seu interesse e carinho pela capital, apresente tambem a sua idéa já expendida em publico ha bastantes anos.

O prolongamento da nossa mais linda avenida «a da Liberdade»—que fômos dos primeiros a defender, com orgulho o dizemos—embora não seja um facto, impõe-se de tal modo, está de tal maneira no espirito de todos, que se efectuará, certamente, num futuro proximo.

Onde encontrar, pois, melhor lugar para o Palacio da Justiça, que rematando e coroando o prolongamento da avenida?

Com uma perspectiva admiravel, com um panorama majestoso, aí ficaria o Palacio da Justiça, sobranceiro a Lisboa, mostrando bem que a Justiça pairava alto e reinava na capital.

E' claro, isso implicaria a demolição da Penitenciaria.

Que importa se ela está de antemão condenada e o edificio não tem valor arquitectónico? Quem sabe? Talvez mesmo, com o decorrer dos tempos, já não fôsse necessario reconstrui-la—o nivel de civilização dum povo tambem se mede pelo numero das suas prisões.

A situação do Palacio, um pouco afastada da Baixa, mas absolutamente central em relação á area da cidade, ao contrario do que muita gente pensa, para nós, só nos mostrava vantagem: descongestionar.

Demais, se hoje não é central, sê-lo-á amanhã. Exemplo bem frizante e bem recente, embora em local mais afastado, temos com o novo Instituto Superior Tecnico. Bastou a sua construção para tudo se povoar em redor. Outro tanto, sucederia com a futura praça, onde haveria espaço mais do que suficiente para a instalação de cartorios, escritorios de advogados, etc. E melhor será ainda, quando desta Praça Monumental partirem algumas das futuras saidas da cidade que, juntamente com o prolongamento da linha dos electricos e outras conduções, permitirão um facil acesso a todos.

Lisboa, cidade de algum marmore, pouco granito e nenhuma arquitectura só tem como praça de efeito decorativo e arquitectuaral a «Praça do Comercio».

Todas as outras têm sido assassinadas com construções desiguais e mesquinhas, não se olhando como se devia, á uniformidade do conjunto, embora com mobilidade do detalhe.

Dêmos pois, sr. director, continuidade á avenida, construamos-lhe como remate, no alto do Parque Edurado VII uma Praça Monumental, ladeada por majestosas construções e coloquemos como pano de fundo da Avenida da Liberdade em vez da actual Penitenciaria, o Palacio da Justiça—expressão simbolica da mais alta soberania:—A LEI.—De V etc.—**Sá Cardoso,** engenheiro civil».

O dia religioso

AMANHÃ, 18—S. Cirilo de Jerusalem, bispo, confessor e doutor.

Lausperene, sai da igreja de S. Francisco, a Jesus, para a de S. José dos Carpinteiros.

Ordem Terceira, a Jesus, ás 11 e 30, missa solene, por musica, procissão e benção.

S. José dos Carpinteiros, ás 11 e 30, missa, por musica, da exposição do Santissimo; ás 18, terço de benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos. Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

Legião Portuguesa

No proximo domingo a instrução começa ás 8 e 45, devendo todos os legionarios dos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º terços do Batalhão n.º 6 comparecer nos quarteis do regimento de Sapadores de Caminho de Ferro e da 4.ª Companhia do Batalhão n.º 2 da G. N. R. (á Estrela).

Os legionarios contribuintes a quem já foram distribuidas cadernetas M/A-2 deverão nessa ocasião apresenta-las aos respectivos comandantes de lança.

Jogos Florais da Primavera

Os Jogos Florais da Primavera, que este ano se realizam pela terceira vez, efectuam-se nos proximos dias 20, 21 e 22. O interesse despertado pelo certame foi muito grande, como o demonstram as produções recebidas nos Estudios da Emissora Nacional, que nos diversos generos e por ordem decrescente se exprimem pelos seguintes numeros: Quadra popular, 800 produções; Soneto, 630; Poesia lirica, 100; conto, 70; Poesia nacionalista, 55; Poesia infantil, 55; Poesia filosofica, 50; Narrativa historica, 21; Palestra anti-comunista, 19; Produções musicais e teatro radiofonico, 3. Tem que se contar ainda com as poesias obrigadas a mote que, pela sua natureza, só no ultimo dia se poderão conhecer. Os numeros indicados atingem o alto valor global de 1811 produções.

Verifica-se, pois, que apesar da abstenção de alguns dos premiados dos anos anteriores, o total de concorrentes não decresceu. E' de prever que a qualidade de produções corresponda á sua quantidade para realce desta iniciativa da Emissora que não só na Metropole ganhou foros de tradição, mas ainda conseguiu interessar todo o Imperio, a avaliar pelo elevado numero de concorrentes do Ultramar que este ano se verifica.

Brigadas agricolas

SANTAREM, 16.—A acção da X Brigada Tecnica, superiormente dirigida pelo engenheiro agronomo, dr. Antunes Junior, tem sido sob todos os aspectos digna da sua alta função. Instalada ha pouco mais de um ano, são já inumeros os seus beneficios á agricultura nacional. Aqueles que ainda ha pouco tempo duvidavam do seu exito, são hoje os primeiros a reconhecer as suas vantagens, recorrendo a tais serviços para sua orientação. Mercê dos seus ensinamentos, os interessados cultivam as suas terra, amanham os seus pomares e colhem as suas searas duma maneira já tão diferente do que faziam outrora, que não tardam a colher os frutos dessa tão inteligente e patriotica campanha.

Não fica por aqui a missão deste departamento do Estado. Os seus funcionarios, bastante competentes, não se limitam apenas a informar por escrito do que cada um deve fazer para melhorar as suas culturas. Percorrem periodicamente a extensa area que lhe está adstrita, elucidando e ensinando tecnicamente, o que melhor convem, para o engrandecimento da terra e seu melhor rendimento. Ainda ultimamente, e por iniciativa do engenheiro agronomo dr. Antunes Junior, foi criado um curso de podadores de oliveiras, modalidade que muito interessava o ministerio da Agricultura, do qual se tiraram os mais praticos resultados, tendo sido já contratados alguns dos cursistas, para outras regiões do país.

Exposição de artistas combatentes

A comissão organizadora da II Exposição dos Artistas Combatentes tem recebido inumeras inscrições de socios combatentes de varios pontos do país que desejam tomar parte neste importante certame. Aguarda-se ainda a inscrição de muitos mais, sobretudo de alguns nomes em evidencia no meio artistico, que fizeram parte da I Exposição realizada no ano findo, e a quem foram enviados convites especiais. E' tambem grande o entusiasmo dos pequenos artistas que se propõem concorrer com os seus curiosos trabalhos á I Exposição dos artistas filhos dos combatentes, cujos trabalhos prometem fazer sensação.

A inscrição continua aberta todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas, na secretaria da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, na calçada dos Caetanos n.º 18, onde podem ser requisitados os regulamentos.

Emissora Nacional

Prosseguindo na sua obra de cultura popular, levada a efeito com tanto exito nos concertos publicos, a Emissora Nacional vai passar a consagrar aos operarios uma «Hora de Arte» que terá lugar aos sabados, uma vez por mês, no estudio grande da Emissora Nacional. A primeira hora de arte para operarios realizar-se-á no proximo sabado, 19, das 21 e 30 ás 22 e 30, com a assistencia de varias entidades oficiais e de operarios filiados nos Sindicatos Nacional.

A parte artistica deste primeiro sarau é constituida por trechos musicais executados pelo Sexteto da Emissora Nacional, dirigido por Silva Pereira, por solos deste violinista, canções por Guilherme Kjolner, e poesias declamadas por Virginia Vitorino. A palestra de abertura será proferida pelo capitão Henrique Galvão e intitula-se «A Emissora Nacional e os operarios».

CABELEIREIROS

1.500$00 é o custo do novo aparelho p. permanente VITA, sem fios, com 30 *chauffeurs*, garantido por **5 anos;** peçam o catalogo, demonstrações no Cabeleireiro no Rossio, 93, e no 2.º andar. Oleo para permanente, serve para todas as marcas de aparelhos, a 10$00.

OBRAS DE

O porto d

Foi inaugurada a doca n.º 1 do porto de Leixões, o que representa um avanço apreciavel nos trabalhos da sua transformação e modernização, e cuja conclusão total se espera dentro de dois ou três anos.

Leixões será um grande porto de mar, moderno, com excelente apetrechamento, com facil acesso maritimo e ainda com a vantagem de ficar á ilharga da navegação, que ali passa a menos duma milha da costa.

Mais: tem duas linhas ferreas de penetração, com magnifico «interland», uma via larga (Minho e Douro e do Norte até Coimbra) e outra de via reduzida, esta com que ninguem contava, mas a que o general Vicente de Freitas, então ministro do Comercio, com seu preclaro bom senso e com uma nitida visão das realidaes, tornou possivel, ordenando a construção do troço Senhora da Hora-Trofa, que ligou as linhas da Povoa e Guimarães, esta ultima com possibilidade de extensão a toda a provincia de Trás-os-Montes.

Não nos entusiasmemos porém com fantasias exageradas, pois Leixões não será nem poderá ser, mais que um porto local. A miragem do trafego internacional, a mesma que ha 50 anos nos levou á Salamancada, deve ser posta de parte. Poderemos atrair um pequeno trafego de mercadorias e de passageiros da provincia de Salamanca e mesmo de Madrid, mas será em tão pequena quantidade que nem vale a pena pensar nele e muito menos fazer sacrifcios para o atrair.

Haja em vista o que aconteceu com a abertura do Canal de Panamá, que toda a gente supunha que daria a Lisboa um trafego importante de pasageiros, vindos da costa do Pacifico. Resultado—nem uma só linha de navegação veio aqui fazer escala, e até a Companhia Real do Pacifico, que fazai o serviço Europa-Valparaizo, pelo estreito de Magalhães, ao transferir a sua derrota pelo Canal, deixou de vir aos nossos portos.

Mas a magnifica situação de Leixões em rleação ás Antilhas e ao Canal de Panamá, o seu facil acesso e a utensilhagem moderna com que vai ser dotado, poderá atrair uma parte da navegação que do norte da Europa se dirige a Cuba, ao Mexico, ás Antilhas, a Venezuela, á Colombia e ao Pacifico, e para onde hoje não temos navegação directa, visto o desvio da derrota actual ser insignificante.

Nada menos de 17 companhias de navegação fazem serviço com vapores de passageiros do norte da Europa para as Antilhas, Europa Central e Pacifico, passando todas proximo do Cabo de Finisterra, não longe, portanto, de Leixões. Dessas companhias três fazem escala regular pelos portos espanhois, Corunha e Vigo, a «Transatlantinque», a «Hamburgo-America», a «Pacific Line», e certamente virão a Leixões se lhe oferecermos carga e passageiros que compensem a escala. Infelizmente o intercambio comercial do nosso pais com a America Central e com o Pacifico é quasi nulo, talvez

PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

Pela 2.ª secção da 1.ª vara e nos autos de execução sumaria que o Banco Nacional Ultramarino move contra a Corporação Comercial Anglo-Portuguesa Lt.ª e Sebastião Dias Laranjeira, correm editos de 30 dias, contados da ultima publicação deste anuncio, citando o executado Sebastião Dias Laranjeira, cujo ultimo domicilio foi na rua das Picôas, 74-A,, 1.º, direito e actualmente ausente em parte incerta, para no prazo de cinco dias, posterior ao dos editos pagar ao exequente a quantia de 8.624$90 de uma letra de seu aval, juros, custas e mais despesas ou, no mesmo prazo nomear bens á penhora, sob pena de esse direito se devolver ao exequente e seguir seus termos a execução. Lisboa, 10 de março de 1938. O chefe da 2.ª secção da 1.ª vara, *Candido José de Carvalho*. Verifiquei a exactidão, o juiz de Direito, *Pinto Garção*.

FOMENTO

e Leixões

pelo motivo de nunca ter havido navegação directa, sem a qual não ha comercio possivel.

Poderiamos porem oferecer áquelas companhias a isenção das taxas portuarias, que para um navio de 12.000 toneladas andam á roda de 3.000$00, em cada escala, o que não deixava de ser tentador. E então era possivel enviar para aqueles países algumas caixas de vinho do Porto, de sardinhas em conserva e de outros artigos de facil exportação, sempre muito apreciados lá fora.

E depois não seriam só aquelas três companhias que viriam, mas talvez outras que jamais tocaram nos portos espanhois. Leixões seria uma escala facil e interessante para a navegação de longo curso e com uma propaganda bem orientada, junto das agencias de navegação na America Central e no Pacifico, propaganda que consistiria no envio de brochuras, elegantes e sugestivas, do nosso país, algumas dessas pessoas que vêm á Europa a ferias iniciariam a viagem pelo nosso país, donde poderiam seguir para Espanha e depois a Paris, etc.

E' claro que o decreto a fazer, isentando do pagamento das taxas portuarias os navios de passageiros que escalassem Leixões, devia explicar bem que seria só aplicavel áqueles que servissem pontos para onde não houvesse navegação directa e em qualquer caso só poderia ser concedido ás companhias que, dois anos antes, não tivessem ali feito escala. Isto para evitar surprsasa desagradaveis, como aconteceu com a companhia italiana que quis aproveitar da isenção das taxas que o governo aplicou a Ponta Delgada, no sentido de atrair a navegação que passa rente á costa açoreana, e a que logicamente não tinha direito.

Ora como o porto de Leixões não tem um canal de acesso como o de Lisboa, e por isso a perda de tempo para a escala é deminuto, talvez ele pudesse receber tambem a navegação do Extremo Oriente e da Australia que lhe passa á vista, uma vez que os navios não tivessem nele taxas a pagar.

Tal isenção nenhum prejuizo nos daria, visto os navios não irem lá e não ser provavel que não.

E para terminar parece-me que o Porto poderia dar mais larga prova do seu tradicional bom senso e do seu bairrismo intransigente. Ao serem dadas por terminadas as obras de Leixões, devia aproveitar a ocasião para anexar Matozinhos á cidade, que passaria a ser o seu bairro maritimo. Então o nome de Leixões desapareceria, ficando apenas. Porto, com o que só havia a lucrar.

E já agora poderia anexar tambem Vila Nova de Gaia, o que a meu vêr ha muito devia estar feito, tanto mais que é nela qu se tratam os negocios de vinho do Porto, a mais solida riqueza do país. O Porto teria, não 300.000 habitantes, como reza a ultima estatistica, mas 400.000, o que não deixaria de ser interessante.

E mais não disse.

GUERRA MAIO

"O Lar do Comercio"

Na sua ultima sessão ordinaria, presidida pelo sr. Emerenciano Baptista, secretariado pelos srs. João Ferreira Crista Junior e José Gonçalves da Silva Amaro, a que assistiram os restantes membros da gerencia e um do conselho fiscal, a direcção do «Lar do Comercio» tomou conhecimento do bom caminho em que está a tentativa para a realização de um grande certame publico, com o fim de arrecadar receita extraordinaria. Tambem vão ser instalados, com igual fim, os café e casas de espectaculos. Brevemente será nomeada uma comissão de honra, composta das mais altas individualidades do meio comercial e industrial, para dar o maior incremento á fundação da Casa de Repouso. Resolveu mais esta importante colectividade nomear um delegado em Lisboa, não só para tratar dos assuntos eventuais da instituição junto das estações oficiais como para angariar socios. No proximo mês será iniciada uma intensa propaganda radiofonica.

Na prisão de ventre
DRALAX
FARMACIA ESTACIO

...UNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Ponte, condessa de Sousa e Faro, D. Maria Constança Pinto de Queiroz Teles de Vasconcelos, D. Maria da Conceição Meireles, D. Olimpia Amelia Teles de Faria Correia da Cunha e Silva, D. Clara de Lima de Sousa Rego, D. Maria Izabel de Noronha de Azevedo Coutinho (Peniche), D. Maria da Conceição da Cunha Mascarenhas e D. Maria Beatriz de Mendonça Gorjão.

— Faz hoje anos a sr.ª D. Alice Felix Correia

A CARIDADE

No Odéon

Prosseguem com toda a actividade os preaparativos do sensacional programa da festa de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, leva a efeito no Odéon, na tarde do dia 23 do corrente, a favor das crianças pobres da freguesia das Mercês, que constará de cinema e variedades, figurando na parte de «cine» filmes destinados a crianças, e na parte de variedades, tomam parte alguns dos nossos melhores elementos dos teatros tanto de declamação, como do musicado.

Os poucos bilhetes que restam para esta elegante festa de caridade, devem ser requisitados pelos telefones 2 2147 ou 2 5484.

CASAMENTOS

Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Judite Tavares de Sousa Lima, gentil filha da sr.ª D. Maria Julia de Sousa Lima, já falecida e do sr. Manuel Tavares Pereira de Lima, com o sr. Americo de Sousa Ramos, filho da sr.ª D. Rosa de Sousa Ramos e do sr. Antonio de Sousa Ramos, servindo de madrinhas a sr.ª D. Palmira da Rocha Tavares de Lima e a mãi do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimonia foi servido na elegante residencia do pai da noiva, um finissimo lanche da pastelaria «Dalia», partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel.

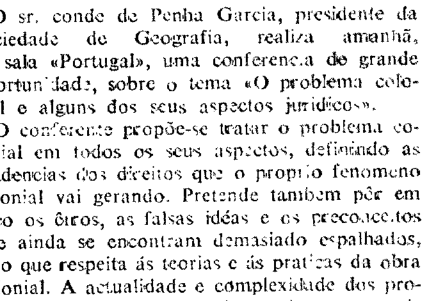
Michel — o baton dos labios tentadores

O problema colonial

e a Sociedade de Geografia

O sr. conde de Penha Garcia, presidente da Sociedade de Geografia, realiza amanhã, na sala «Portugal», uma conferencia de grande oportunidade, sobre o tema «O problema colonial e alguns dos seus aspectos juridicos».

O conferente propõe-se tratar o problema colonial em todos os seus aspectos, definindo as tendencias dos direitos que o proprio fenomeno colonial vai gerando. Pretende tambem pôr em foco os êrros, as falsas idéas e os preconceitos que ainda se encontram demasiado espalhados, pelo que respeita ás teorias e ás praticas da obra colonial. A actualidade e complexidade dos problemas versados dão por si proprios um grande interesse á conferencia, á qual o sr. ministro das Colonias se digna presid...



DU PONT FABRIKOID
REG. U.S. PAT. OFF.

O MELHOR MATERIAL, MANUFACTURADO PELOS FABRICANTES DO

DUCO

para estofos, capotas e decorações.

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PORTO

HAVAS

EM RESPOSTA

AS COMPANHIAS DE SEGUROS

e os pleitos nos tribunais

Do sr. Antonio Garcez, director do «Arquivo Financeiro e Segurador» recebeu o «Diario de Lisboa» uma carta acêrca do assunto sôbre o qual versou o nosso eco recente.

A carta esclarece mais do que o artigo publicado ha dias naquela interessante revista. Defende o sr. dr. Antonio Garcez as companhias de um ataque que o nosso jornal não lhes fez, e põe as questões com mais elevação, embora não falte uma ironiazinha inofensiva aos nossos redactores—ou a um por todos—, o que se releva, não tendo nós duvida em rectificar a classificação de «mau advogado», e que démos a pessoa tão prudente, como agora se verifica. Uma cousa, porém, não se pode rectificar: o que o «Diario do Governo» publica frequentemente.

Folgamos com a «amende honorable» que da carta resulta, e que tem direito, ainda mais do que á nossa satisfação, ao nosso aplauso, sobretudo no que se refere á magistratura.

Podiamos publicar apenas os trechos essenciais da carta, com os comentarios a que eles teriam jus. Mas preferimos publicá-la na integra, pois o distinto advogado merece-o, ainda que o jornalista que fez o «eco» não se sinta demasiadamente orgulhoso por ter tido ocasião de ensinar alguma cousa ao causidico, simplesmente em materia de [illegible] jornalistica, [illegible]

[illegible] director do Diario de Lisboa.—Permita v. que, no seu jornal, o *mau* advogado das Companhias de Seguros responda ao *bom* jornalista dos «ecos» do *Diario de Lisboa*. O «Arquivo Financeiro e Segurador», além de ter uma tiragem reduzida, e de ser lido por quem já conhece suficientemente o assunto, sai muito tarde—o que me leva a dirigir a v. Ao classificar de injusto o «eco» do *Diario de Lisboa*, eu creio que não fui menos razoavel. E' que o *Diario de Lisboa* é um jornal sério, um jornal que só conta simpatias no meio segurador e o «eco» que ele inseriu magoou todos aqueles que á industria de seguros dedicam a sua vida e a sua actividade. As Companhias de Seguros—tão mal compreendidas por algum publico e por muitos juizes—têm em Portugal uma actuação que não se limita apenas a ser honesta. Elas cumprem mais do que aquilo que, em bom direito, deveriam!

Houve, de facto, maus exemplos. Mas esses gerou-os uma legislação defeituosa, um sistema de *contrôle* imperfeito e, sobretudo, uma economia da guerra que a moral não comandava. Mas entre eles que aliás pertencem ao passado e os organismos seguradores actuais não existe qualquer especie de ligação. Afirmando-se que as sociedades de seguros discutem para não pagar, é-e infeliz e injusto—infeliz porque tal afirmação não é verdadeira e injusto porque elas não merecem semelhante tratamento. No meu artigo citei numeros—70.000 acidentes verificados e pagos por ano, contra uns 300 submetidos á apreciação dos tribunais. Têm esses numeros—e são eles que falam mais alto do que os acordãos do Supremo Tribunal Administrativo—facil comprovação. Bem deminuta é a percentagem dos sinistros contestados. E, no entanto, entre os que as Companhias liquidam—de quantos eles se não está firmemente convencido da sem razão dos reclamantes?

Fazem-no, porém, para evitar discussões e para *fugir aos tribunais*. Dizer que o julgador nem sempre decide bem parece-me que não constitui ofensa ou sequer irreverencia. Respeito a magistratura e respeito toda a gente que o merece. Esse sentimento não me leva, porém, ao ponto de considerar como *intangiveis* as suas decisões, nem de me conformar com as que ferem a minha sensibilidade e a minha formação juridica. De resto, bem conhecida é a tendencia dos julgadores contra as Companhias de Seguros. Um escritor francês—Lucien Paris Le Clerk, *Contrat d'Assurance, Sa Nature Juridique*—escreve (pag. 45):

«Des qu'une chause est susceptible d'interprétation elle (a jurisprudencia) l'interpréte en faveur de l'assuré», acrescentando, depois: «... car le juge ne doit pas être partiau; or, que fait-il? il interpréte systemaquement le contrat contre l'assureur».

E não se diga que apenas assim pensam os autores amigos das Companhias. Alguns juizes o reconhecem. Jean Delmas, segurador muito conhecido e até ultimamente muito discutido, no seu relatorio—1935—de director geral de «La Preservatrice», cita a este respeito um expressivo arresto dum tribunal francês. No meu artigo alude-se ás más consequencias que para a economia nacional adviriam se se prosseguisse no caminho que se encetara. E' que as sociedades de seguros, cansadas de perder no ramo de acidentes de trabalho, vêr-se-iam na contigencia de agravar as suas tarifas—e daí um novo encargo a sobrecarregar a produção. As Companhias de seguros não são misericordias mas sim organismos industriais, asseverei eu. Isso parece haver causado engulhos! Santo Deus! O sinistrado, ao reclamar o que lhe compete, efectiva um direito, não solicita uma *esmola*. Não é assim, porém, que se entende. Ha quem implore mais do que a lei lhe confere, quem meta pedidos e cartas de recomendação. O argumento é sempre o mesmo: Isto é uma miseria, uma insignificancia para vocês. E é por causa disto que muitas vezes se paga o que se não deve e outras se diz mal das companhias. Abundando nessas idéas, o jornalista do «eco» aventa uma teoria nova sôbre o seguro. Diz ele, com brilho e originalidade «A missão beneficiente, assegurada pelo premio, resulta automaticamente da função seguradora» (sic). Tenho estudado alguma coisa e lido bastante do muito que se ha escrito sôbre seguros. Confesso, porém, que desde Pothier a Manes e a Hémard eu nunca vi descorrer tão profundamente! Sirva isto de consolação ao signatario. E' que com o epiteto de *mau advogado* ele já alguma coisa lucrou—o aprender tanto com o *bom* jornalista que fez o «eco».

Perdoe, sr. director, o espaço que lhe roubei e creia no que, com consideração, é De v., etc. —*Antonio G.*

JOGO PERDIDO

O cauteleiro Guilherme Henriques Cortas, morador na rua da Guia, 25, 2.º, perdeu a carteira, com um bilhete para a proxima lotaria com o n.º 1019, sete vigesimos do n.º 7995—serie 11 a 17—e nove cautelas com o n.º 5015. O pobre homem, que tem mulher e três filhos, implora á pessoa que achou o jogo o favor de lho entregar na morada indicada.

CAPRISTANO & FERREIRA, L.da

BOMBARRAL

Horarios das carreiras de auto-carros

Lisboa-Caldas da Raínha-Leiria	7,00 — 12,30 — 16,30
Lisboa-Bombarral-Peniche	7,30 — 14,30 — 17,30
Lisboa-Nazaré-Alcobaça	8,30 — 14,30 — 19,45
Lisboa-Nazaré	17,30
Lisboa-Lourinhã-Bombarral	18,30
Nazaré-Lisboa	6,30
Peniche-Bombarral-Lisboa	6,55 — 8,10 — 10,50
	14,35 — 15,20
Leiria-Caldas da Raínha-Lisboa	7,50 — 15,00 — 19,00
Alcobaça-Nazaré-Lisboa	7,35 — 10,05 — 14,35
Bombarral-Lourinhã-Lisboa	7,50
Peniche-Torres Vedras-Lisboa	8,45 — 16,00
Peniche-Caldas da Raínha-Santarem	8,10 — 10,50 — 15,20
Peniche-Caldas da Raínha	6,55 — 19,50
Caldas da Raínha-Peniche	9,25 — 21,55
Torres Vedras-Peniche	11,20 — 19,50
Santarem-Caldas da Raínha-Peniche	9,15 — 13,50 — 18,00
Santarem-Rio Maior-Nazaré	8,40 — 19,30
Nazaré-Rio Maio-Santarem	7,20 — 15,45
Rio Maior-Santarem	6,50
Santarem-Rio Maior	21.00
Leiria-Caldas da Raínha-Azambuja	8,55 — 15,55
Azambuja-Caldas da Raínha-Leiria	7,45 — 20,05

Partidas de Lisboa para o Porto........ 7.00 Partidas do Porto para Lisboa........... 7 40

FILIAL EM LISBOA — Largo de S. Domingos, 11-A — Telefone 21003

AACHEN & MUNICH

Companhia de Seguros contra Fogo

SEDE EM AACHEN

Agencia Geral para Portugal

A. SCHMIDT, LISBOA

Praça dos Restauradores, N.º 13

CONTAS REFERENTES A'S OPERAÇÕES EM PORTUGAL NO EXERCICIO DO ANO 1937

BALANÇO GERAL:

ACTIVO:

ACTIVIDADE SEGURADORA :

Valores afectos ás Reservas:

Titulos depositados na Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia	Esc.	479:115$00
Contas de Seguros Directos:		
Segurados, Agentes e Correspondentes	»	18:939$30

ACTIVIDADE FINANCEIRA :

Caixa: — Saldo existente	»	7:004$85
Bancos: — Depositos á ordem: Conta Escudos 21:456$34		
Depositos á ordem: Conta Libras £ 159.13.8 17:565$50		
	»	39:021$84
Ganhos e Perdas	»	73:169$00
	Esc.	617:249$99

PASSIVO:

ACTIVIDADE SEGURADORA :

Deposito de Garantia	Esc.	250:000$00
Reserva de Garantia:		
Ramo Fogo	Esc.	36:017$30
Ramo Diversos (Assaltos e Tumultos)	»	1:612$10
	»	37:629$40

ACTIVIDADE FINANCEIRA :

Reserva Livre	»	191:485$60
Impostos de Selo (a pagar em Janeiro de 1938)	»	418$90
Sede: — Conta-Correntes	»	137:716$09
	Esc.	617:249$99

GANHOS E PERDAS:

DEBITO:

ACTIVIDADE SEGURADORA :

Reserva de Garantia de 1937:		
Ramo Fogo: 1/3 s/Esc. 108:051$70	Esc.	36:017$30
Ramo Diversos (Assaltos e Tumultos) 1/3 s/Esc 4:836$25	»	1:612$10
	Esc.	37:629$40
Contas de Seguros Directos:		
Ramo Fogo:		
Estornos e anulações	»	3:667$30
Comissões	»	16:929$70
Sinistros	»	159:838$55
Ramo Diversos (Assaltos e Tumultos):		
Comissões	»	286$40
	»	180:721$95
Contas de Resseguros:		
Ramo Fogo:		
Comissões de Resseguros aceites	»	42$00
Premios e Encargos de Resseguros cedidos	»	4:382$25
	»	4:424$25

ACTIVIDADE FINANCEIRA :

Reserva Livre de 1937	»	191:485$60
Contribuições:		
Estaduais	Esc.	3:720$00
Municipais	»	5:145$75
	»	8:865$75
Despesas Gerais:		
Pessoais	»	11:614$90
Materiais	»	10:808$70
	»	22:423$60
	Esc.	445:550$55

CREDITO:

ACTIVIDADE SEGURADORA :

Reserva de Garantia de 1936:		
Ramo Fogo	Esc.	22:360$80
Ramo Diversos (Assaltos e Tumultos)	»	289$50
	»	22:650$30
Contas de Seguros Directos:		
Ramo Fogo:		
Premios e Encargos	»	111:719$00
Apolices	»	1:256$00
Comissões de Estornos e anulações	»	611$45
Ramo Diversos (Assaltos e Tumultos):		
Premios e Encargos	»	4:836$25
Actas Adicionais	»	9$00
	»	118:431$70
Contas de Resseguros:		
Premios e Encargos de Resseguros aceites	»	161$00
Comissões de Resseguros cedidos	»	1.158$00
	»	1:319$00

ACTIVIDADE FINANCEIRA :

Reserva Livre de 1936	»	206:464$70
Juros de Depositos á ordem	»	555$85
Juros dos Titulos depositados	»	22:960$00
	»	23:515$85
Ganhos e Perdas	»	73:169$00
	Esc.	445:550$55

Lisboa, 7 de Março de 1938.

O Agente Geral,
A. SCHMIDT

SEGUROS

Incendio, Assaltos, Greves e Tumultos

Aceitam-se **colaboradores** em Lisboa
e **agentes** na Provincia

PRODUTORES DE LEITE

Se quereis LEITE LIMPO, utilizai o

FILTRO MARCO

que vos proporcionará uma filtração RAPIDA e reterá todas as impurezas visiveis e invisiveis que o leite contenha.

O FILTRO MARCO

fará com que o vosso leite seja um ALIMENTO DE QUALIDADE para todos, velhos e novos, e UM ARTIGO DE PRIMEIRA ORDEM para o fabrico de manteiga e queijo.

Aparelho simples, sólido, eficaz e de duração ilimitada. Custo de manutenção insignificante.

Unicos Agentes em Portugal e Ilhas Adjacentes

A. SILVA & FIGUEIREDO, LTD.ª

RUA DAS JANELAS VERDES, 2. — LISBOA

Os pedidos podem ser feitos directamente ou á firma

Gonçalves & Sousa, Ltd.ª

RUA DA GLORIA, 2-A LISBOA

Telefone 2 9603

Aceitam-se ofertas para agentes.

D. D. D.

Especialidades INGLESAS

CONTRA

Eczemas, Acnes, Ulceras, Comichões, etc.

O REMEDIO PARA A PELE

A' venda nas Farmacias e Drogarias

DEPOSITO: R. Arco do Bandeira, 76-1.º

Telefone 2 2785

NAO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!

Repr. Victor Chaskelmann & C.ª

Rua da Palma, 268—Lisboa

Automobilistas — T. S. F.

Philco - Delco — Motorola — Philips

Os melhores auto-radios do mundo—Equipam de fabrica todos os automoveis americanos e europeus—Montagens como as de fabrica (sem supressoras)—Quadrantes e antenas para cada tipo de carro—Reparações rapidas por pessoal especialisado—Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)

Telef. 42789

STOPSTARA, é um produto de élite, da importante firma holandesa PIETER SCHOEN & ZOON LTD., patenteado em TODO O MUNDO CULTO.

Todos os vitrais da nova Egreja da Av. Berne, estão colocados com Stopstara, assim como: Sé, de Beja; Egreja do SS. Sacramento, Porto; Leça da Palmeira; Jeronimos; etc., etc.

Importador:

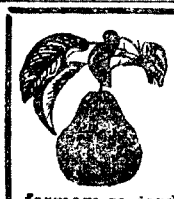
Antonio Augusto Pedrosa

R. Arco do Cego, 38, 1.º, D. — Tel. 4 0 23

Na prisão de ventre

DRALAX

FARMACIA ESTACIO



Flora de Carcavelos

Quinta dos Lombos

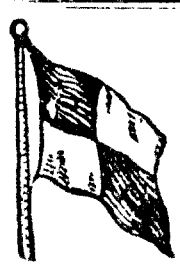
CARCAVELOS

Roseiras fruteiras arvoredos florestais, Plantas de sala, etc. Constroem-se e transformam-se jardins e Pomares.

Catalogo grátis

PONCHE REI DE SIAM

o unico em pureza e paladar



Companhia Nacional de Navegação

Linha rapida da Africa Oriental e Ocidental

No dia 26 de Março, pelas 16 horas, sai o paquete

«ANGOLA»

Com destino aos portos de Funchal, S. Thomé, Pointe Noire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, e com baldeação em Luanda para os portos de Landana, Noqui, Ambrizete, Boma e Matadi (CONGO BELGA) e com baldeação em Lourenço Marques para os portos de Inhambane, Chinde, Quelimane, Macuse, Pebane, Angoche, Porto Amelia, Ibo e Mocimboa da Praia.

IMPORTANTE: — A carga será recebida até ás 20 horas do dia 22 e depois desta data até ás 18 horas do dia 25 com o aumento de 20 0|0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

Linha rapida da Africa Ocidental

No dia 2 de Abril, pelas 16 horas, sai o paquete

«CUBANGO»

Com destino aos portos de Funchal, S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé Cabinda, Sazaire, Ambriz, Luanda, Dande, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuio, Mossamedes, Porto Alexandre, e com baldeação em Luanda para os portos de LANDANA, NOQUI, AMBRIZETE, BOMA e MATADI (CONGO BELGA)

IMPORTANTE: — A carga será recebida até ás 20 horas do dia 30 e depois desta data até ás 18 horas do dia 1, com o aumento de 20 0|0 sobre o frete, segundo resolução do CONSELHO DE TARIFAS PARA AS COLONIAS DE AFRICA.

ATENÇÃO: — Os paquetes desta Companhia estão classificados na classe 100A1 do Lloyds

Esta Companhia aceita carga nos portos do NORTE DA EUROPA, MEDITERRANEO e AMERICA DO NORTE, em conhecimento directo para os portos de Africa e com baldeação em Lisboa para os paquetes das carreiras de Africa e vice-versa.

Todas as mercadorias carregadas no estrangeiro, nestas condições, seguem de Lisboa em regime de reexportação, a fim de poderem gozar do beneficio pautal de 20 0|0.

A todos os passageiros que se destinem ao Congo Belga recomenda-se a passagem nos paquetes desta Companhia até Pointe Noire onde tomarão o Caminho de Ferro que os conduz ao seu destino.

Para esclarecimentos e mais informações:

Sede, em **LISBOA: Rua do Comercio, n.º 85—Tel. 2 3021.—(6 linhas)**

Sucursal, no **PORTO: Rua Infante D. Henrique, n.º 73, 2.º—Tel. 1431.**

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

O NOVO LIVRO DE AQUILINO RIBEIRO

"Anastacio da Cunha, o lente penitenciado"

A vida sentimental do poeta

Trabalhador admiravel das letras, Aquilino Ribeiro dá-nos um livro por ano. Umas vezes uma novela regional, de tipos vigorosos, cheia do sol da Beira; outras, um romance, de bela expressão portuguesa, de acção dramatica, modelado no mais puro da lingua; outras ainda, uma biografia, densa de evocação, onde o modelo parece ressuscitar, integrar-se na sua propria vida e no seu tempo, de tal maneira o autor o soube compreender e descrever.

A nova obra de Aquilino Ribeiro que, dentro em breve, será posta á venda, intitula-se: «Anastacio Cunha, o lente penitenciado». E' uma biografia romantizada, o tipo do grande livro europeu da actualidade. A figura é rica de interesse humano, com os seus audaciosos lances de aventura politica e amorosa. Atravessa dois reinados e vai cair sob a jurisdição do anto Oficio, Catedratico e poeta, amoroso rustico e sibarita relapso, Anastacio da Cunha era, de facto, um tipo que mais tarde ou mais cedo devia entrar na bibliografia de Aquilino Ribeiro. o deletrear este trecho, o leitor, se o conhece, verá como o retrato é flagrante.

O autor da «Via Sinuosa» marca-lhe, em traços incisivos, o caracter, dispondo-se a contar a perigosa e aventurosa existencia do seu heroi literario.

Era José Anastacio dotado de imaginação ardente e temperamento apaixonado.

Ele proprio se confessa no Santo Oficio «propenso á sensualidade» embora haja que dar o devido desconto a estas confissões, que não raro representam uma maneira de armar á boa disposição dos juizes. Mas os seus versos o confirmam. A'parte o entusiasmo que os grandes temas da humanidade despertam á sua lira, na erotica, em regra, é que ele brilha, a sua inspiração é singular e o seu ritmo sempre vivo e faceto. Impossivel descortinar por debaixo do atavio e nome de pastoras as mulheres de carne e osso amadas por José Anastacio. Neeras, Nises, Filis, Jónias, Alfizas, Cesifas, Arminda, Márcia, Lidia, Euzelia, com a venda nos olhos, suspirosas ou inconstantes, jogam a cabra-cega monnosco, e não ha maneira de agarrar uma e, pegada, dizer-lhe: és Fulana! Não, invenções poeticas ou realidades cobertas com véu discreto, jámais as poderemos identificar e fazê-las desempenhar o seu verdadeiro papel á volta do protogonista. Acabou-se, fiquem na sombra inviolavel, com a sua mascarilha. A Neera, misera e mesquinha, prender-se-ão estes dois deliciosos versos:

Que te valeu, coitada, a graça pura
Dêsse teu cabelo de oiro?

Nise, essa, jura de coração nas mãos, amá-lo neste mundo e no outro. Que importa que momentos depois diga o mesmo a segundo suspirante? Por agora geme e trejura:

Ah, primeiro que eu te deixe,
Tornarão atrás os rios...

Filis, não falando em Marfida, essa nascida em Ponte da Barca sob o nome de Margarida, veridica e meiga figuranta na vida tragica dêste homem, parece ser mais que uma sombra. Frequentes vezes o poeta falará nela e a evocará com saudade e transporte. Por causa dela permite-se preferir a noite ao dia, cujo sol é um indiscreto que tudo põe a claro. O poeta, enquanto tange o rebanho pelas margens do Minho, entalha o doce nome nos troncos e os ecos acorda com suspiros:

Triste condição dum peito
Que sabe amar tão de-veras!
Sempre o amor mais perfeito
Padece penas mais feras.

E voltará noutra pastoral a doer-se da separação como de doença sem remedio:

Oh, tirai de manhã dos currais meus
E á noite recolhei o triste gado.
Desfalecido estou, desamparado,
A minha doce Filis disse adeus!

A proposito de Alfiza acautela os enamorados:

Vós, que ninfas amais de alta esfera,
Vêde bem de que jeito as seguis;

Tirse terá o seu amor eterno. Como não, se ela reune todos os encantos desde a face de leite e de rosas vivas a

Esses mimosos pés, botões de flores,
Que pisam mil vaidosos pundonores...?

Marcia é lembrada com tanta paixão e desespero que bem parece estar mais gravada nos sentidos do que ser criação da fantasia. A elegia *Recordações* ressôa dos inefaveis acordes da saudade:

Voai, ternos suspiros,
Voai nas asas dos ligeiros ventos:
Ide contar a Marcia quais tormentos
Sofre a minha alma nestes retiros...
.....
.....
Dizei-lhe, claras fontes,
Que as aguas dêstes montes
Vossa clara torrente não turvou;
Mas que foram as lagrimas, que a dôr
Dos olhos arrancou
Ao seu fiel pastor.

Lidia morre, a sua dôr soluça e em imaginação vai-a acompanhando na hora do trespasse até mudar para forma inerte e fria. Euzélia está longe e a evocar as horas felizes se reconforta dos desaires da fortuna.

Mas todas estas perfumadas e belas desconhecidas não passam de silhuetas eliseanas, que vivem por milagre da imaginação do poeta. Margarida, a moça de baixa estirpe, no dizer dum delator, está ali com todos os veros sentimentos, corpinho tepido e alma delicada e sofredora. E' filha de operario, servical em casa fidalga de Valença, da familia dalgum graduado inferior da praça, ou da alfandega? Não se sabe. Moça da Ponte da Barca que ia e vinha pelo longo caminho de Paredes de Coura, ás feiras, á compra do pão espanhol, ajuntadeira de ovos? Tudo se pode presumir. Que dispunha de certa liberdade de movimentos, ressalta dos versos que José Anastacio lhe consagra, em que perpassam como teatro de seus amores o campo e o bosque. Quanto á sua pessoazinha fisica, ele a descreve sob o pseudonimo de Marfida:

Ondeado, lindissimo cabelo,
Um rosto encantador, enamorado,
Em cada face um pomo sazonado
Das pupúreas flôres é modêlo.

Encontravam-se, a toda a hora—se a musa não mente para se pôr em dia com o gosto da epoca e até com o sentido naturalista que a filosofia pretendia imprimir á literatura e á vida na alba do romantismo,—fora da vila ao abrigo duma arvore, ouvindo por cima do seu idilio arrulhar as rôlas e assobiar os melros:

Entre verdes sombras tão caladas,
Da luz da lua apenas perturbadas,
Nêste ameno silencio parar quero.
Aqui ha de vir ter por quem espero,
Aqui ha de vir ter! .....

Ali a espera. E vem, não vem, o poeta descreve a sua ansiedade e, entre mil presagios maus, o estado de endoença que vai sofrendo á medida que o tempo se dilata, driades e naiades terão inveja, mormente quando ele a aperte nos braços.

Na poesia *A noite sem sono*, em que passa um sôpro grandioso de infinito, o poeta interroga-se, e no soneto que segue, dum recorte perfeito, comemora os seus amores felizes:

Copado, alto, gentil pinheiro manso,
Debaixo cujos ramos debruçados,
Do sol e lua nunca penetrados,
Já gozei, já gozei mais que descanso...

Quando, para onde estás, os olhos lanço,
Tantos gostos ao pé de ti passados
Vejo na fantasia retratados,
Tão vivos que jámais de vêr-te canso!

Ah, deixa o outono vir. Dum jasmineiro
Te hei de envolver; terás copa vestida
De flores; serás honra dêste oiteiro.

E para te dar gloria mais subida,
No teu tronco feliz, alto pinheiro,
O nome escreverei de Margarida.

Como se infere, Margarida e José Anastacio encontravam-se furtivamente aqui e além. Mas estas relações acabaram por transparecer e ser notorias se, antes, ambos se não cansaram de usar de hipocrisia e disfarce, porque, com regressar a Valença, depois le curta demora, da guarnição de Almeida, passaram a viver juntos, aos olhos de toda a gente. Tal cohabitação constitui um dos agravos que lhe lançam em cara os denunciantes no processo de que foi réu. «Tinha em casa uma manceba a quem não deixava ir á missa»—declara José Leandro, tenente da guarnição de Valença, preso por libertino, no decorrer da confissão, ao enumerar as pessoas com quem convive.

(Ver continuação na pagina seguinte)

Arte francesa

«Chilperic no teatro Variedades», de Toulouse-Lautrec

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

"Anastacio da Cunha, o ente penitenciado"

(Continuação da pagina anterior)

Mr. Nicodeme José de Figueiredo, natural da Vila da Ponte, diocese de Lamego, conego da Colegiada de Santo Estevão, de Valença, delatando por deprecada, confirma o facto dêste modo, referindo-se a José Anastacio como «infamado de lêr livros proibidos ingleses e franceses, principalmente Vulter (sic) e viver nesta praça com muita dissolução, tendo uma mulher varios tempos fechada em casa por [illegible], e fazendo-lhe elogios nas obras poeticas que compunha, gloriando-se assim da sua culpa; portava-se nas igrejas com pouca ou nenhuma reverencia...».

A Valença das almotolias de barro, atulhada de rapé e de padre-nossos, vingava-se do imprudente moço. Enquanto o Marquês de Pombal foi homem, nas sombras não boliu viv'alma. Com o advento da Piedosa, as gorgonas do passado acordaram de seu torpor. E ofendidas pelo desembuço do rapaz que levava para casa a mulher de quem gostava, conjuraram a sua perda. O conego, os oficiais que delatam para atenuar as culpas de pedreiros livres e borrachões, não são mais que mandatarios de Valença que via por detrás das reixas, com infinita inveja, Margarida e José Anastacio felizes sem terem pedido licença ao bispo.

Premido pela angustia, acossado como fera no mais intimo da alma, não se furta o misero á fraqueza de empregar para a pobre companheira palavras de oprobrio: «teve trato ilicito com uma moça que tinha em casa e não deixava ir á missa, nem ela se atrevia a ir com receio de ser presa; mas nunca a persuadiu, se bem está lembrado, de que os ditos preceitos não obrigavam, nem de que o trato que com ela tinha não fôsse pecaminoso».

Quem ela era, está a ver-se nas cartas que escreve do proprio punho, tendo-lhe talvez José Anastacio ensinado a ler e a escrever, ou ditadas a criaturas simples como ela, quando o amigo elevado a lente, sem animo para arrostar com a murmuração publica, a manda para Barca, sua terra natal.

Numa dessas cartas, dizia-lhe ela para Coimbra: «Se a jornada fôra mais perto, e não houvesse este mau tempo, havia de ter já ido ver-te. Deus queira que estes ditos não vão mais longe; crê, meu José, que se eu scuber alguma cousa de maior suposição, ainda que a chuva seja muita serei eu a mesma carta. Desta tua criada— *Margarida*».

A pobrezinha já chegaria tarde. Logo a seguir á denuncia do segundanista Sousa, era detido José Anastacio e enviado ao segredo. Que foi feito da doce criaturinha, primeiro sacrificada ás conveniencias sociais, depois, com os baldões aspérrimos do pobre homem, desamparada de todo ou sabe Deus com que arrimo?! Sumiu-se no escuro como todas as almas simples e todos os que são fadados para carne de sacrificio e vitimas cruentas da implacavel convenção. Desapareceu sem deixar rasto, como surgiu na vida do oficial da guarnição pequenina, doce, resignada, pobre filha do povo. Na sua vida de miseria e de penitencia, na Casa de Nossa Senhora das Necessidades ou no Colegio de S. Lucas, ele lembrá-la-á com lágrimas. Mas essas lágrimas ninguem sabe a razão delas e o seu travor. O poeta evocá-la-á ainda em seus versos e, através do artificio a que nunca o artista poderá eximir-se, mais ou menos, sente-se a mão de ferro da dôr crispada na sua garganta:

Ai, mais não posso... ah, crueis lagrimas
Que a fala me tomais!
Meu bem, ah, ouve-me, ah, entende-me
Ao menos nêstes ais!

Foi a paixão da sua vida, daquelas cujo ressaibo de beijos se torna á hora final filtro piedoso. Filis, Nises, Márcias, esta D. Joana Isabel Trigueiros que lhe escrevia: «tenho uma impaciente curiosidade de saber toda a sua historia» não passam de fantasias aladas, figuras inconsistentes e efemeras na sua vida amorosa e profunda.

AQUILINO RIBEIRO

Balada do simples viver pagão

A' Poetisa equatoriana Dona Rosa Borja de Icaza

Fremem, febris, as frautas flébeis, festivais...
E as virgens grêgas, de glaucos olhos glaciais,
Bailam, coroadas de glicinias, bailam...

E, velho Pan que sou, deixo a vida correr
Olhando. E os olhos meus acham a vida bela
Neste geórgico desejo de viver
Entre arômas febris de sandalo e canela...

Flébeis, as frautas fremem, festivais, febris...
Saltam os seios nus das virgens grêgas, saltam,
Derramando no ar essencias subtis...

«— O limoeiro do vosso peito
Dá uns limões saborosos...»

E a minha voz cantada, como um som desfeito,
Perdida entre os suaves ritmos langorosos
Das frautas, freme, como as frautas geme
Meigas toadas flébeis, festivais,
E só dá ais...

A. CARIBALDI

Destino

Não, meu amor. Eu subirei sózinha
a árida montanha da amargura.
—Farei da tua ausencia a força obscura
do sonho que me ampara e me encaminha.

Olha-me ainda e fica. E' sina minha
morrer cheia de fome e de secura.
Deixo contigo a agua fresca e pura,
deixo-te o pão e a casa. Irei sózinha.

Não me detenhas. Calmo e resignado
o nosso amor não cabe nesta vida
nem cabe em nós a nossa inquietação.

E quanto mais distante e desejado
tu fôres e u ede ti fôr esquecida,
mais alto levarei meu coração.

ARMINDA GONÇALVES

Bernard Schaw impressionado pela morte de Gabriel D'Annunzio resolveu fazer mais um testamento, o trigesimo oitavo. O grande dramaturgo redige todos os anos as suas ultimas vontades, em que ele actualiza os seus juizos literarios, com uma implacavel malicia.

O mais dificil, porém, é precisar as cifras da sua fortuna, que alguns avaliam em duzentas mil libras.

Schaw costuma dizer:

—Como posso saber quanto tenho, se incansavelmente trabalho para o fisco nacional, para o fascio comunal, para o rearmamento da Inglaterra e para os desempregados?

Claro que isto sucede a todos os contribuintes, muito menos afortunados que Bernard Schw. Com os seus 82 anos não receia a morte.

—Já estou «maduro» para entrar dum momento para o outro no forno crematorio, com grande satisfação de muita gente.

E a proposito do seu testamento, esta «blague»:

—Não deixo nada aos rapazes novos. Era prestar-lhes um mau serviço, porque a juventude não deve contar com heranças. Tambem não deixo nada aos velhos: esses devem já ter perdido toda a esperança. Numa palavra, nada lego á geração actual. O meu desejo é legar um importante capital, cujos juros sirvam para preservar a lingua inglesa, a sua fonetica e a sua pronuncia.

E, com um sorriso diabolico, o grande irlandês, remata, carregando ainda mais na ironia:

—Esta idéa de deixar alguma coisa á defesa da lingua, vem-me á cabeça sempre que perco uma noite no teatro...

Bibliografia francesa

Croisiére Blanche, de Roger Vercel.—Não é preciso apresentar este escritor, um dos mais notaveis romancistas da moderna literatura francesa, ao publico português. Basta dizer dois dos seus melhores titulos para avaliar da sua alta categoria intelectual: Premio do comité «Fémina France—Amerique», e Premio «Goncourt», em 1934, com o celebre *Capitaine Conan*, que o severo André Thérive, do «Temps», classificou como um dos livros mais brilhantes e interessantes que hoje se podem ler.

Roger Vercel é um escritor de admiraveis qualidades. Para ele o documento humano não tem segredos. Dir-se-ia que o espectrazila, precisando todos os seus cambiantes de emoção, todas as suas nuances de sensibilidade. Tem um estilo vivo, nervoso, despojado de todas as dundancias. Observa, ironiza, fixando com imprevista originalidade, imagens fulgurantes, dum bizarro recorte, e sempre expressivas. E' um realista, mas sem as ferocidades da escola, disfarçando a emoção com um sorriso de fina espiritualidade. Os seus romances são vigorosos de construção, com temas arrancadas á vida, que empolgam o leitor, pelo relevo com que marca os caracteres dos personagens; a pintura é exacta, rapida, muito *visual*.

Roger Vercel, que percorreu quasi toda a Europa, tem, como Joseph Conrad, a paixão do mar. No seu universo literario, os grandes oceanos, e o que ha neles de luta, de trabalho, e de heroica poesia humana, dominam-lhe a sua aguda sensibilidade.

Croisiére Blanche é um livro que pertence ao genero. Trata-se duma admiravel narrativa, vivida e observada, duma viagem do autor até ás regiões hiperboreas de Spitzberg. A vida a bordo, num navio de luxo, com os seus excursionistas de variadas raças e temperamentos, é deliciosamente descrita. Roger Vercel, com perscrutante ironia, dá-nos, inteiramente, a visão, do que se passa numa grande cidade flutuante, de camarote em camarote, quasi de alma para alma. As escalas para se chegar até ao Ymiar do polo são numerosas. Vercel encontra sempre o traço justo para descrever ou uma fria cidade do norte, isolada da civilização, ou uma humilde colonia de pescadores de baleias. A sua viagem, embora não tivesse nenhum episodio dramatico, atinge, por vezes, nas paginas deste livro o mais intimo e o mais doloroso da humana epopeia polar. Os gelos guardam as ossadas dos exploradores, sendo particularmente brilhantes, as paginas que se referem ao naufragio do *Pourquoi-Pas?*, onde ia Charcot.

A ilha dos ursos, na Noruega os *fjords*, as estações russas, toda a naturesa polar, ora com o seu sudario de neves eternas, ora com o seu mar livido, são pintadas por Roger Vercel, admiravelmente, através duma narrativa, onde o pitoresco da viagem, o comentario humano, a vida de bordo se alternam, dando ao maravilhoso cruzeiro um tom vivo, animado, em tudo, empolgante. O leitor ha-de gostar deste belo livro, que se pode fixar na chamada literatura de evasão. Ao acabar a *Croisiére Blanche*, mesmo que tenha vontade de realizar essa maravilhosa excursão, não isenta de perigos, sentir-se-á dispensado de a fazer de tal maneira o autor construiu a sua primorosa narrativa, num assombroso «romance» de factos e de figuras, cuja leitura se torna irresistivel. *(Editions Albin Michel)*.

Ebauches, de Arthur Rimbaud, suivies de la correspondance entre Isabelle Rimbaud et Paterne Berrichon et de Rimbaud en orient (variantes et document's divers)—recolhidos por Marguerite Yerta-Méléra. O poeta «maldito», companheiro de Verlaine, na sua adolescencia, pode considerar-se uma existencia *hors-serie*. Em vida, a sua obra passou despercebida; depois da sua morte ela radiou sobre o premiado espiritual latino, chegando a Portugal, onde influiu, entre outros, José Duro e Gomes Leal. Rimbaud amava as letras. Nele a poesia foi um mero episodio da sua mocidade, mas tão grande de beleza desordenada e violenta, de causticidade, de originalidade, que deu um novo timbre á literatura francesa.

O poeta de *Une saison en Enfer* abandonou a França e percorreu, como grande viajante, as terras exoticas, Chipre, Egipto, Java, Aden, fixando-se, durante largo tempo, no Harrar, mantendo comercio com o celebre Menelik.

Marguerite Yerta-Méléra dá-nos no seu belo livro copioso de informação, o que podemos chamar a intimidade literaria e familiar de Rimbaud. A primeira parte da obra contem, depois duma introdução em que fixa o caracter do poeta, os rascunhos, das *Iluminations*, que são como uma radiografia do seu trabalho intelectual, e depois os sucessivos esboços de *Une saison de Enfer*, com todas as alterações e emendas. Segue-se uma serie de cartas de Rimbaud a Demeny, onde se contêm algumas poesias admiraveis. A correspondencia entre Isabelle Rimbaud e Paterne Berrichon, que é curiosissima. A irmã do poeta, com um respeito nobilissimo e com uma tenacidade admiravel, defende par e passo a memoria de Rimbaud, nem sempre conseguindo aligeirar-lhe certos traços, que hoje pertencem á historia literaria. Esta correspondencia terminou com um casamento. Por ultimo, Margarite Yerta-Méléra descreve-nos, servindo-se de cartas de Rimbaud, a sua vida, na Etiopia, e a sua morte horrivel, num hospital de Marselha, uma perna e um braço amputados. Rimbaud atinge, então, a plenitude moral.

Confrange a sua agonia, a sua fé desesperada em Deus. Todos que amam a obra de Rimbaud devem ler este belo livro de «Intimidade», veridico, escrito com uma delicadesa e um escrupulo verdadeiramente impressionantes. *(Mercure de France)*.

Théatre complet de Racine, avec un préface des notices et des notes, de Maurice Rat.—Na secção ilustre de classicos Garnier, da livraria do mesmo nome, foi agora publicado em volume todo o teatro de Racine, a maior figura da dramaturgia francesa. A economia do livro é admiravel. Num volume de 744 paginas, leve e facilmente manuseavel, reunia Maurice Rat as doze peças que Racine legou á posteridade, fazendo acompanhar cada uma dum excelente prefacio critico e historico, depois de ter estudado, em todas as suas peripecias, o genio raciniano, e a influencia enorme, que ele tem exercido até hoje, na literatura mundial. O excelente volume fecha com uma serie de epigramas seleccionados, referentes ao teatro, de Racine, e notas preciosas de erudição. Não temos a pretensão de estudar a maior figura do teatro francês, bastante conhecida em Portugal. Recomendamos, porém, esta magnifica obra aos leitores, como devendo figurar em todas as bibliotecas cultas.

Na apresentação de Maurice Rat ha uma passagem que se deve destacar: a influencia de Racine em Anatole France, Valery e Jean Giraudoux. Atacando o drama romantico que no seu tempo, não tinha ainda cinquenta anos e já caia em ruina, o delicioso Anatole escreve no *Petit Pierre:* «O maitre souverain en qui réside toute vérité e toute beauté... Je n'ai pas toujours parlé de vous avec assez d'admiration...».

O autor de *Dieux ont soif* mantinha com o seu poeta o mais estreito comercio. Saturado, impregnado de Racine, voluntariamente ou não, sabe-o de cor, cita-o a cada passo, escreve como Racine, com a melhor boa fé, julgando que escreve á Anatole France.

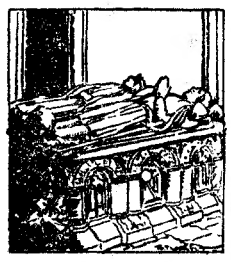
Em Valery é tambem nitida a influencia de Racine. Tournus, numa conclusão, porventura, muito terminante afirma que o conteudo metafisico dos versos de Valery e o conteudo fisiologico dos versos de Racine, revestem uma forma poetica analoga, dispondo-se no mesmo movimento interior.

Para Giraudoux, que criou uma tragedia nova Racine é o primeiro escritor da literatura francesa. Ele encontrou uma fatalidade mais implacavel que a fatalidade antiga, da qual o paganismo helenico e o horisonte poetico temperaram a virulencia. *(Librairie Garnier)*.

Os italianos estão construindo, com uma rapidez fulgurante, a nova capital da Etiopia, que se chamará Djimma. A cidade ergue-se entre Gisen (alto Djimma) e Irmata. Na parte baixa serão instaladas a zona industrial e os bairros operarios. A zona militar, casernas, depositos, fabricas, será situada nas colinas, rodeada de edificios destinados ás familias dos oficiais e sargentos. O bairro indigena, separado da cidade europeia, é edificado ao longo da estrada de Irmata. O hospital, o cemiterio, e as prisões, ficarão fora da cidade. Os edificios terão numerosos andares, para não dispersar a população, que assim concentrada será melhor abastecida pelo trafego respectivo, e ficará com largos espaços ajardinados e grandiosas praças, estas destinadas a edificios oficiais, teatros, hoteis, correios, etc.

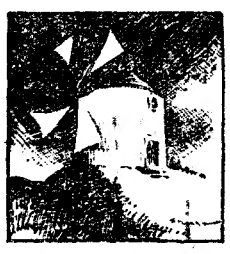
Eis a planta da nova cidade, que pode servir de modelo nacional a arquitectos construtores de futuras urbes.

■



Saiu agora o numero da revista «Broteria», referente a março, notavel publicação cultural, que tão dignamente tem sabido honrar os seus superiores principios de estudo e critica literaria e cientifica. Eis o seu sumario: «Será transcendente a origem da vida», de José Carvalhais; «A literatura arabe na Europa culta medieval», de Abilio Martins; «Artes Nossas», de J. Costa Lima; «O Estado e o individuo», de Pinto de Carvalho; «Conceito de justiça social», de R. S. Lamadrid; «A heraldica dos Noronhas», de Armando de Matos; «Sugestões tecnicas de uma campanha jocista», de Imbrecht; «O significado da arte animalista quartenaria», de Eugenio Galhay; «A reforma do ensino primario», de Riba Leça, etc.

■



Vendeu-se outro dia na Galeria Charpentier, em Paris, um autografo de Hitler por 18.000 francos. Trata-se dum documento, referente á nomeação de de Roehm para condutor militar de união de cobbate, isto é, dos S. A. do partido nacional-socialista. Têm a data de 1 de abril de 1925.

Outro autografo valioso, este de Mussolini, que evoca a ressurreição vitoriosa de outubro de 1922 e decreta a organização fascista do Estado italiano. Atingiu o preço de 4.500 francos.

■

Quando chove, pensou alguma vez o leitor qual a quantidade de agua que cai na terra por ano?

Eis a estatistica, elaborada por mete orologistas rigorosos. Nos 51 milhões de hectares que o globo terraqueo tem de superficie, cai por ano, um peso de agua que, avaliado em toneladas atinge 460.174.620 milhões. Se esta agua não se evaporasse, nem fosse absorvida pelo solo, a sua massa teria um metro de espessura.

■

Artur Augusto deu-nos agora um belo livro, intitulado «O Anel do Amor». E' um triptico, feito ao sabor da linguagem antiga num ritmo poetico de subtil inspiração, onde se desenham três das mais lindas e gentis figuras do amor: Siguefredo, Inez e Isolda. Gravuras de João Carlos enriquecem este livro, que, decerto, vai obter um merecido exito.

PERSPECTIVA, BOM GOSTO, MEDIDA

por Vitorino Nemesio

Apetece-me falar de bom gôsto, um bom gôsto cá meu—quero dizer, o meu conceito de bom gôsto, que não é apenas a arte de bem escolher vestidos e gravatas, mas o sentimento, com raís estética, da proporção das coisas. Claro que não tenho o exclusivo desta extensão da noção de bom gôsto a campos onde habitualmente se lhe não conhece a intervenção, ou onde, se o vêem, lhe dão outro nome. Já Antero de Quental, invocando-o na celebre carta a Castilho a par de «bom senso» lhe deu o valor capital que eu queria que todos os portugueses sentissem, a ponto de fazerem por ele uma campanha tão energica como não importa que cruzada social: o dia do capacete, a semana da tuberculose, e assim.

Na chamada Questão Coimbrã, o bom gôsto invocado por Antero não era só caso de acertar pelos fusos horarios da Europa o relogio literario lá da terra; digo, acertar estilos, generos, formalidades. Tratava-se, antes, de um apelo em profundidade, e muito mais dirigido ao «todo» cultural que ás formas acidentais da cultura. Ninguem pode negar que a obra de Garrett ou a de Herculano estavam, já a esse tempo, fora das condições de exemplaridade e excitação literaria exigidas pelos novos escritores. Mas essa superação era puramente formal, deixando intacto o equilibrio intimo dessas obras, tal qual as leis estéticas a que tinham obedecido o havia criado. O brado de Antero não se dirigia, pois, contra uma falta de coincidencia do gôsto romantico com o gôsto novo, realista ou revolucionario, chamando mau ao de Castilho para exaltar o seu. Pelo contrario: das suas palavras parece desprender-se o desejo de que cada geração se confine nas suas circunstancias historicas, as aceite e veja amadurecer e secar com resignação e dignidade, dando lugar e prestando justiça ás novas.

O primeiro dever do bom gôsto é, portanto, aceitar a sua relatividade e limitação. Não ser decretorio. Exercer-se com uma especie de integralidade que, para ser compacta, original, rica de caracter, deve ir da convicção mais arraigada á duvida mais ironica.

Deixem lá dizer que a duvida dissolve e acobarda. A duvida é, antes de tudo, um método, um instrumento critico. Já Descartes lhe chamou metódica, embora Descartes amasse a duvida como caminho que leva ás idéas claras e distintas, e nós precisamos dela aqui como simples acto de bom gosto. Eu ainda não disse que queria limitar por hoje a análise fenomenológica do bom gôsto ao bom gôsto em literatura, porque a verdade é que me apetecia descoser o problema em toda a sua extensão aplicavel á vida portuguesa. Mas, como a tartaruga puxa sempre para o mar, o escritor tende para as letras. Elas são, aliás, a rotunda do bom ou mau gosto de um país. Delas sai e a elas vai dar tudo o que um génio nacional cria e proporciona—quere dizer tudo aquilo a que dá proporção.

Não ha talvez conceito mais cristalino a que se chegue em especulação estética do que o conceito de ritmo ou numero. A queda de um grave—isto é, a linha que mede o abandono dele á sua propria densidade; a massa do grave em relação com essa linha e com a propulsão, se a houver—eis a base fisica da idéa de *numero* ritmico. Em estática e dinamica, nada mais simples. Em estética, como o encadeamento dos *numeros* depende do mais secreto arranjo de quem leva em si mesmo os *graves* que há-de deixar caír, lá se vai a simplicidade toda para o compendio de geometria e fica o ritmo sózinho, isolado e rebelde na fortaleza individual, fluente e ininteligivel como todas as coisas que são verdadeiramente vitais.

Ora, é nessa expressão «bom gosto» que refugiamos a ininteligibilidade do exercicio da arte, de tudo o que apela para um só momento, um só que seja, do processo estético tipico, e especialmente chamamos bom gôsto ao *clima* da escolha. Bom gosto é pois o comando e o contrôle do acto estético. E como na vida não há compartimentos estanques nem no pensamento as partes em que se divide um manual de filosofia—psicologia, logica, moral metafisica, estética— segue-se que não há nenhuma manifestação da vida humana que não comporte um lado moral, um lado metafisico e um lado estético, e só estes porque a psicologia e a lógica são esferas puramente instrumentais do pensamento, tecnicas do terreno e dos meios.

Um exemplo: como se chegou, não direi ao conceito, mas á «figura» de «elegancia moral», tão cómezinha nos meios mundanos, que é quasi sempre onde a moral e a elegancia têm menos que fazer? Esta metáfora é possivel porque a confluencia da moral e da estética resulta de uma tendencia normal da vida para o requinte. Um acto moral, para assumir valor estético, não precisa de saír do terreno da conduta: é ai mesmo, no condicionamento da vida de relação, no *territorio ético*, que ele cria essa como que harmonia que transforma uma coisa do dominio volitivo no dominio ludico, pondo na substancia insensual de um dever «notas» estéticamente representaveis.

Mas estamo-nos a perder numa especie de metafisica do bom gôsto e a praticar um *substancialismo* perigoso e inutil. *Primum vivere:* primeiro ter bom gôsto, depois cogitar acêrca da essencia dele. E ter bom gosto, quando não há aleijão fundamental de uma estrutura humana média, é tão simples e tão facil! Nunca conheci ninguem absolutamente falho dele. O que há é compartimentações desagradaveis do bom gôsto, especialismos absurdos— pois toda a especialização rigorosa é já de si um acto de mau gosto, uma traição á tessitura universal do proprio espirito. Gente conheço que é elegante na sua conduta (a tal «elegancia moral») e «trouxa» no seu vestir, além de possidónia em todas as suas predilecções e preferencias tipicamente estéticas. Outra—raparigas, sobretudo—tem um gôsto raro em indumentaria e anexos, mas o que se chama verdadeira invenção, e apresenta uns pares de inclinações selectivas, em musica, em pintura, em romance, que só mesmo batendo-lhes. Até há casos de gôsto irridente: grande instinto para a «toilette», pirismo na decoração da casa, e vice-versa.

Isto pelo que respeita a uma casuistica do gôsto nas suas manifestações rudimentares, no terreno em que a expressão e o conceito nasceram, ou pelo menos se divulgaram. Em arte—literatura ou outra—o problema do gosto tem de pôr-se com muito cuidado e amplitude, e interessa tanto no ponto de vista da criação como no ponto de vista do apreço e do consumo.

Na criação, o bom gôsto é importantissimo, mas não é elemento cuja ausencia ou falha impeça uma obra de germinar. Obra inçada de mau gôsto é a que deixou Fialho e ninguem lhe nega poder, ás vezes genialidade (uma genialidade rasa, larvar, que não chega a criar vida inteira), e sobretudo *beleza*, que é por onde Fialho mais se salva e parece justamente coisa impossivel sem bom gôsto. De resto, o forte do génio português não é um gôsto muito puro. País do barroco, como quer Eugenio d'Ors; país do manuelino e da lógica conimbricense, da oratoria e de tudo o que mete «feitios».

Ah! Mas tambem país da simplicidade e da pureza de tom: do cantar de amigo, do auto vicentino, da canção camoniana, e (deixem-me ter bom gosto na mistura!) da *Caninha Verde* e do *Malhão*. País onde as mulheres que se vestem bem se vestem como as mais elegantes mulheres da Europa (só entre os homens há mais *leões* e *papos secos* que pessoas naturalmente bem vestidas: o próprio exemplo do Eça, que embasbacou com o seu ideal fradiquico tanta geração, não vale, como alfaiataria, o sólido casaco com que Oliveira Martins andava nas carruagens do caminho de ferro do Porto á Povoa, nem sobretudo o redingote abotoado em que Antero encavava a sua bela mão direita e cuja gola alagava do oiro velho da sua barba).

País, em suma, a que só falta uma escola de gôsto, uma consciencia publica dos deveres de bom gosto, critica sem criterio empedernido nem transigencias snobs, sobretudo critica larga, indulgente, bordão de cego, e um constante acto de humildade em todo aquele que teve a pouca sorte de nascer para mexer nestas coisas do feio e do bonito, porque quem o feio ama bonito lhe parece e há muita gente que está apegada a um «bonito» e se esquece de que o feio é muitas vezes a superficie do unico belo que tem probabilidades de ficar. Se por acaso há alguma coisa que fique neste mundo de ir e vir...

VITORINO NEMESIO

PAGINAS DUM DIARIO

2—Fev.—37.

Estou cansado,
cansado
de morrer, amar
e do silencio lunar
que me rodeia...

.....

10—Maio—37.

Senhor menino,
menino,
dai-me um anel
d'arco-iris, fogo e fel
para desposar

Aquela feia,
tão feia,
de seios sem côr,
bôca e sorrisos de dôr
em triste esgar.

.....

26—Fev.—38.

Quero navegar,
navegar
p'r'além do «nada»,
da minha prece fanada
que m'atormenta...

.....

2—Março—38.

Estou cansado,
cansado
da minha sombra,
da tua, da vossa sombra...
... estou cansado!...

TOMAZ KIM

«Costumes de Leiria», «panneau» decorativo do pintor Miguel Barrios

OS LIVROS DA SEMANA

VIAGEM A' RODA DA AFRICA
romance de aventuras infantis por MARIA ARCHER

NAS GRUTAS MARAVILHOSAS
por MARIA ALICE DE ANDRADE SANTOS

CAIXINHA DE BRINQUEDOS
por ADOLFO SIMOES MULLER

E' claro que a literatura infantil não pode deixar de ser encarada pelo lado pedagogico. Mas a verdade é que eu duvido muito de que a literatura infantil de feição pedagogica tenha influencia de monta junto das crianças. Diziame ha anos um poeta apaixonado por problemas pedagogicos: as crianças, como os homens, só admiram as obras de genio. Queria esse arguto pedagogo dizer que afinal ás crianças só interessam aquelas obras em que ha mais arte que pedagogia. Não posso deixar de assentir nisso. D. Quixote, Gulliver e Robinson Crusoé foram, são e serão os herois dilectos de todas as crianças. Tão dilectos como eles só as lendas, os belos poemas tradicionais, a fantasia inesgotavel das *Mil e uma noites* e a poesia fantastica de certas historias modernas contadas no cinema por Disney. Numa palavra: a literatura que mais impressiona as crianças é a literatura gratuita, não pedagogica, a literatura-arte, em suma.

E' certo que não ha vantagem em lisonjear na criança as suas tendencias imaginativas. O mundo é tão duramente real... Mas o certo é o homem não ter o direito de fazer da criança um mero elemento de experiencia pedagogica. O facto de a criança ser o homem de amanhã não deve levar-nos a pensar nela apenas debaixo do aspecto do homem em formação. A criança tambem deve ter direito *a ser criança*. Assim como o homem gosta de encontrar na vida aquilo que lhe pode dar uma imediata satisfação tambem á criança deve assistir o direito de usufruir livremente da sua condição de criança. Eis por que me parece lhe não dever ser inteiramente vedado o gôzo de uma literatura sem premeditações pedagogicas. Não é certo serem-lhe permitidos os jogos? Seja-lhe tambem permitido o direito ao livre jogo da imaginação.

Demais, afigura-se-me inutil roubar-lhe esse direito. Não só a criança procurará sempre, com mais gosto, as obras onde se liberte a imaginação fresca e sem premeditações, como não haverá maneira de fixar-lhe a atenção de preferencia naquilo que ela adivinha calculadamente feito para ela. De modo que não ha melhor maneira de satisfazer a curiosidade imaginativa das crianças do que dar-lhe a ler obras-primas ou, pelo menos, obras filhas do estro de artistas. Se se puder conciliar os interesses de uma verdadeira literatura infantil de base pedagogica com os interesses meramente gratuitos da criação artistica — eis realizada a melhor literatura infantil.

Mas uma coisa me parece pouco ponderada por muitos dos que escrevem para a infancia. Afigura-se-me que se não usa de muito escrupulo quando se escreve para crianças. Isto é: não ha nada que deleite tanto uma criança como o jogo libérrimo da fantasia. Numa obra da indole, por exemplo, da *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, toda fantasia é permitida. Uma criança acha naturalissimo que um espelho se possa atravessar e que mesmo do outro lado haja um país maravilhoso onde todas as coisas sejam vistas pelo lado de traz. Carroll sabia-o perfeitamente. Por isso escrevia cartas aos seus amiguinhos nestes termos *ilogicos*: «Ha muitas outras coisas de que gosto. Por exemplo, dos alfinetes (mas é preciso que eles tenham um novelinho em volta para não terem frio.). Gosto das madeixas de cabelo (mas é preciso terem debaixo uma cabecinha de rapariga, onde elas possam crescer, caso contrario, quando se abrir uma porta, o vento dispersá-las-á e elas perder-se-ão, não é assim?». Mas se se escreve para as crianças com intenções realistas, afigura-se-me dever manter-se a obra dentro da maior verosimilhança realista. Parece-me mesmo francamente anti-pedagogico — e será obvio dizer que anti-artistico — mostrar ás crianças o mundo por um angulo falso. Por isso se me antolha que uma obra de indole realista não deve violentar a realidade. A criança a quem se conta uma historia com toda a aparencia de verdade confia candidamente no narrador. E assim dever-se-á interpretar como deslealdade, de que a criança se não aperceberá é certo, mas de que sofrerá as consequencias, mostrar-se-lhe o mundo de maneira diferente do que ele é. Uma obra modêlo de realismo dentro da literatura infantil que conheço é, por exemplo, a obra celebre de Kästner, *Emilio e os detectives*. Não ha nesta obra nada de inverosimil. Conquanto os seus protagonistas sejam, quasi exclusivamente, crianças, é no mundo de adultos que vivem. Mas como crianças são tratados. Não se lhes facilita a acção. Um garoto que vai de uma cidade de provincia a Berlim, em visita a uns parentes, com umas notas do banco pregadas no casaco com um alfinete é roubado no comboio. Quando se vê roubado, desconfia de um passageiro de chapeu de côco que desapareceu da carruagem. Mas, como não quere aparecer em casa sem o dinheiro, põe-se a seguir o suposto ladrão. Encontra na rua outro garoto, a quem conta o ocorrido. Um bando de garotos se lhes junta, dispostos a capturar o larapio. E, sempre dentro da mais escrupulosa verdade, o bando de rapazes consegue filar o ladrão. Nunca o autor recorreu nesta obra a qualquer inverosimilhança capaz de induzir os seus pequenos leitores a ver o mundo dos homens diferente do que é. Pedagogico é ensinar as crianças a mover-se em realidades, quando, claro, de realidades se tratar. Se se tratar de fantasias, então dê-se-lhes largueza, amplidão. Mas é bom que a criança saiba distinguir com nitidez o mundo da realidade do mundo da fantasia. Caso contrario, virá a padecer duras desilusões...

* * *

Não é a primeira vez que cito o nome de Maria Archer. Sempre que me tenho referido á Literatura feminina portuguesa dos nossos dias evoco o seu nome. Maria Archer é, de facto, entre as mulheres que escrevem em Portugal, uma das que melhor escreve. Não conheço mesmo outra que á audacia dos temas e das idéas alie uma expressão tão energica e pessoal. Maria Archer sabe o valor das palavras. O seu estilo respira fôrça e solidez.

Ora Maria Archer acaba de publicar um livro para crianças. Depois dos romances de Virginia de Castro e Almeida é este, suponho, um dos poucos romances portugueses para crianças. Com as qualidades largamente reveladas por Maria Archer em certas das suas novelas dispersas por jornais e revistas era de esperar que escrevesse um livro onde se aliasse á expressão viva e directa da realidade um sentido muito feminino do que ás crianças mais interessa. Quere dizer: Maria Archer parecia-me destinada a escrever uma obra de arte capaz de ser admirada por crianças. Foi nessa esperança que li o seu livro *Viagem á roda de Africa*, romance de aventuras infantis (Editorial *O Seculo*). Quere-me parecer, todavia, que Maria Archer não aproveitou convenientemente as suas possibilidades de novelista, de mulher e de africanista. Vejamos porquê.

Já o frisei na introdução deste artigo: uma obra de literatura infantil, desde que vise a um certo realismo, não deve desrespeitar a realidade. Caso contrario perderá, simultaneamente, a qualidade de obra de arte e a curiosidade dos leitores infantis. Pelo menos não poderá durar. Nunca é demais repetir que as obras de arte têm uma logica propria, mesmo quando ilogicas por principio. Ora a obra de Maria Archer, com seguir de perto o método pedagogico usado por Virginia de Castro e Almeida no *Em pleno azul*, por exemplo, mais perigosamente joga com a curiosidade dos seus leitorzinhos. Será preciso que eles encontrem na sua obra uma apaixonante historia, para que se não cansem dela antes de a terem lido. Ora a historia do romance infantil de Maria Archer afigura-se excessivamente... infantil. Pelo menos não era assim que eu imaginava que se deveria escrever um romance de aventuras para crianças. Quere-me parecer que um romance infantil deveria respeitar tão estritamente a verosimilhança como um romance de adultos. Assim o crê Kästner e assim o cria a propria condessa de Ségur. Não o crê Maria Archer. Os garotos de oito para dez anos que na sua obra descobrem um tesouro ali no Alto do Pina juntamente com um arsenal de armamento começam logo por nos parecer habitantes de um mundo absolutamente inverosimil, pois a nenhuma criança ocorreria, como áquelas ocorreu, levar de presente ao Negus da Etiopia um carregamento de munições e mantimentos. Mas, dado que tal idéa lhes ocorresse, como pô-la em execução? Eis a dificuldade. Ora tal dificuldade é resolvida sem delongas no romance de Maria Archer. Vemos estes garotos e outros, que tambem descobriram, um tesouro debaixo de uma carvalho, passear por Lisboa de automovel, hospedar-se em hoteis e embarcar para a Africa, com os seus passaportes em ordem, depois de haverem fugido da casa paterna. Isto, claro, não pode ser tomado como fantasia, porque o romance de Maria Archer pretende ser um romance de aventuras no mundo dos homens. Não digo que a historia não interesse as crianças, mas duvido de que as interesse por muito tempo. Sobretudo me parece anti-pedagogico que numa obra com aspirações a pedagogica como esta se apresentem dêem ás crianças idéas tão inverosimeis acêrca do que é o mundo.

Não se me leve isto á conta de caturrice. Não se trata apenas da minha opinião. Consultando uma criança de onze anos sobre o livro, vi estarmos de acôrdo: tambem ela sentira haver muita coisa impossivel naquele romance... De facto ha uma certa contradição entre as exactas noções de historia, geografia e ciencias naturais expostas na obra e as inexactas noções nela sugeridas sobre a vida.

Mas releve-se-me a caturrice. *Viagem á roda de Africa* tem belas paginas africanas, empolgantes paginas de aventuras e caçadas ás feras cheias de pitoresco. Isso deve bastar para fazer a delicia das crianças. Sou eu quem deve estar velho para ler livros infantis...

* * *

Eis aqui um livro para crianças escrito segundo uma orientação perfeitamente oposta á de Maria Archer. Neste tudo é fantastico. *Nas Grutas Maravilhosas*, de Maria Alice de Andrade Santos (Edições *Europa*), descreve-se um sonho—nada mais. Ora não é por ser sonho que se aceita facilmente todo o maravilhoso desta historia. Aceita-se o seu maravilhoso, porque é absolutamente admissivel que o maravilhoso exista. Existe, pelo menos, na imaginação de todas as crianças e de todos os poetas.

Parece-me que a obra de Carroll, *Alice no país das maravilhas*, deu a Maria Alice algumas sujestões para o seu livro. Aquela ardósia que se abre e através da qual o garoto entra no país da bruxa lembra o espelho por que Alice se dirige ao país maravilhoso em que decorre a historia. Mas é esta a principal similitude entre as duas obras. Depois é a tecnica dos desenhos animados que alarga a imaginação da jovem escritora. As grutas feericas em que Zuki penetra, os bichos maravilhosos com que luta e as libélulas que lhe prestam auxilio lembram certos ambientes desses surpreendentes desenhos animados, uma das mais extraordinarias criações poeticas do nosso tempo. Maria Alice, embora com incipiente estilo, dá-nos com naturalidade e simplicidade apreciaveis o sonho de Zuki. Algumas das suas paginas, como aquela em que a neve começa a bater á porta do quarto onde Zuki acaba de adormecer, são mesmo tocadas de poesia.

Maria Alice de Andrade Santos (para quê um nome tão comprido?) tambem desenha. E' ela quem ilustra o seu livrinho. Os seus desenhos revelam muita fantasia. Bastante inexperientes ainda, nada perderiam se Maria Alice confiasse mais na sua imaginação e menos nos desenhos ingleses de magazine. Em conclusão: Maria Alice é uma promessa para as crianças portuguesas.

* * *

Escrevem-se em Portugal poucos livros de versos para crianças. Porquê? Naturalmente porque as crianças não apreciam muito a poesia rimada. De facto, a poesia que impressiona as crianças é outra. Preferem a poesia espontanea das coisas: os sonhos, as fadas, os animais fabulosos, os principes encantados. A rima e o metro não lhes dão a ilusão da poesia: limitam-lhes o vôo da imaginação. Em geral, os versos só impressionam as crianças pela sua musicalidade. Gostam mais de os cantar do que de os ler. Mas, de facto, pedagogicamente, é util habituá-las de pequeninas a apreciar o ritmo e essa como que *inutilidade* patente e sagrada da poesia. Assim como a poesia está na infancia de todas as literaturas, bom será que esteja na infancia de todos os homens. Mas qual a melhor poesia para a infancia?

Aquela que directamente se lhe destina? Talvez, mas com uma condição—ser poesia. João de Deus, porque era poeta, deixou poemas que os labios das crianças nunca se hão-de cansar de repetir. Não esquecer que as crianças amam as criações do genio...

Adolfo Simões Muller, um escritor que se tem consagrado inteiramente ás crianças, publicou ha tempos um livrinho intitulado *Caixinha de Brinquedos* (Edição do semanario infantil *O Papagaio*). Eis aqui um livro de versos para crianças. Que acolhimento lhe terão feito elas? A poesia de Simões Muller é francamente didaotica. Mas como é bem musicada, talvez as crianças gostem de dizer os seus versos em voz alta: a maneira natural de as crianças apreciarem os versos.

O que mais recomenda a poesia de Adolfo Simões Muller é a sua musicalidade e a sua clareza de intenções. Não ha duvida de que os seus versos são modelarmente preparados para o fim a que se destinam. E, visto não aspirarem a outra coisa, como tal merecem ser apreciados.

A edição desta obra é cuidadosamente arranjada. Os desenhos interiores não me parecem famosos. Mas o da capa é gracioso. Assina-os Rudy.

JOÃO GASPAR SIMÕES

POETAS MODERNOS

Pecados de Santos

I

Andava S. João pelo povoado
Bramindo contra o crime de adulterio.
Na sua voz havia todo o imperio
Do espirito profundo e imaculado.

Nisto, de além, do campo perfumado,
Surge um vulto divino, quasi aereo.
E essa voz, que vibrava de misterio,
Expira num murmurio desvairado.

Sabe S. Pedro deste caso. E, logo,
Decide procurar o olhar de fogo
Que provocou tamanha insensatez.

O vulto lá estava. Semi-louco,
Rugiu o santo. Mas, daí a pouco,
Foram vistos, sorrindo, todos três!

II

Na capelinha do castelo antigo,
Lembrava a castelã, saudosamente,
Aquele môço, de elmo reluzente,
Que ali passara e lhe pedira abrigo.

Alma de santo ou de guerreiro amigo,
O que seria desse moço ardente
Que ela vira como astro refulgente
E cuja luz ficara ali consigo?

A castelã pensava assim. Sorrindo,
Fixava Santo Antonio o rosto lindo
Num mixto de bondade e de emoção.

Subitamente, a jovem teve um grito:
— E' que, sublime heroi, mais que bendito,
O moço ardente lhe beijava a mão!

RUI DO VOUGA
(João Pedro da Silva Tavares)

DOIS SONETOS

I

Tu és o sol, eu sou a noite imensa;
Tu és a luz, eu sou a sombra escura,
Aquela sombra ansiosa que procura
Morrer de luz na claridade intensa!

Tu és o riso alegre da ventura,
O riso de quem ri porque não pensa;
Eu sou o eterno crente da descrença
Que até do rir dos outros se tortura!

Tu és a chama altiva abrasadora,
Eu sou a lenha humilde e sofredora
Que te alimenta a fôrça e te sorri;

Tu vives pela Vida e só por ela
E eu sou a triste, a misera parcela
Que vive apenas de morrer por ti!

II

Num berço d'oiro de ilusões doiradas,
Deitei, cantando, o meu amor doente.
«Não sofras mais! As palpebras cansadas».
«Hão-de fechar-te os olhos, docemente».

«Dorme, sonha! Que loucas cavalgadas»
«Pretendes tu fazer, inconsciente»,
«Nesta noite de sombras desoladas»,
«Enquanto o sol estiver de ti ausente!?»

«Dorme, sonha!» E o meu amor, sorrindo,
Pôs-se a sonhar contigo um sonho lindo
Como se aquele fôra o seu destino...

Mas nisto ouviu-te a voz, sentiu-te os passos
Percebeu que não estava nos teus braços
E acordou a chorar o meu Menino.

VASCO DE MATOS SEQUEIRA